

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS  
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CRISTIANE GIUSTI VARGAS**

**CONTRIBUIÇÃO AO PROFESSOR PESQUISADOR :  
PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS REFERENTES AO FRACASSO  
ESCOLAR**

**SANTOS**

**2017**

**CRISTIANE GIUSTI VARGAS**

**CONTRIBUIÇÃO AO PROFESSOR PESQUISADOR :  
PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS REFERENTES AO FRACASSO  
ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Universidade Metropolitana de Santos, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Renata Barrocas.

**SANTOS**

**2017**

## Ficha Catalográfica

Vargas, Cristiane Giusti

Contribuição ao professor pesquisador: pesquisas bibliográficas referentes ao fracasso escolar. / Cristiane Giusti Vargas. -- Santos, 2017.

xii,117 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Metropolitana de Santos. Programa de Pós-graduação em Práticas Docentes no Ensino Fundamental.

Título em inglês: Contribution to the searching teacher: bibliographical researches regarding the school failure.

1. Fracasso Escolar. 2. Coeducação. 3, Pesquisador. 4. Professor.

A Dissertação de Mestrado intitulada “Contribuição ao professor pesquisador: pesquisas bibliográficas referentes ao fracasso escolar ”, e elaborada por Cristiane Giusti Vargas, foi apresentada e \_\_\_\_\_ em 01 / 12 / 2017, perante banca examinadora composta pelas Professoras Doutoras Luana Carramillo Going, Elizabeth de Souza Machado Hess e Renata Barrocas.

Profª Drª Renata Barrocas  
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora

Profª Drª Luana Carramillo Going  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação

Programa de Pós Graduação da Universidade Metropolitana de Santos em Práticas  
Docentes no Ensino Fundamental  
Área de Concentração: Práticas Docentes no Ensino Fundamental  
Linha de Pesquisa: Ensino e Aprendizagem no Ensino Fundamental

*Ao meu pai **Alcides (in memorian)** que dignamente me apresentou à importância da família, do trabalho e da honestidade.*

*À minha querida mãe **Mércia**, que sempre esteve ao meu lado me apoiando e me amando incondicionalmente.*

*À minha filha **Daniela**, que é meu maior tesouro.*

*Ao meu marido **Ronald**, pelo apoio em todos os momentos, principalmente nos de incerteza, muito comuns para quem tenta trilhar novos caminhos.*

*E principalmente a **Deus**, por me presentear com a vida e com toda a sorte de benção, pois sem Ele nada seria.*

## AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, pela sua dedicação, competência e confiança, que me possibilitou a conclusão deste trabalho, meu muito obrigada.

Aos professores, com carinho.

Às minhas amigas e aos colegas de sala.

Aos funcionários da Universidade Metropolitana de Santos.

À **Secretaria Municipal de Educação de Santos**, por incentivar o estudo, a pesquisa e a qualificação profissional com a concessão da bolsa estudo do Programa Mestre-Aluno.

À Marinilza Barboza da Silva pela confecção das tabelas e formatação do texto.

“A verdadeira viagem da descoberta  
não é achar novas terras,  
mas ver o território com novos olhos.”  
(Marcel Proust)

VARGAS. Cristiane Giusti.. “Contribuição ao professor pesquisador: pesquisas bibliográficas referentes ao fracasso escolar”. 2017. 117 p. Dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos, Santos, 2017.

## RESUMO

Essa dissertação de mestrado trata de uma investigação bibliográfica de como as relações de gênero influenciam o rendimento escolar de alunos e alunas. Para tanto, discorreu-se sobre o caminho percorrido ao longo da história, da construção do conceito de gênero e da feminização do magistério. Aborda-se como os estereótipos tradicionais fomentam ou acirram as desigualdades dentro ou fora da escola. Essa obra vale-se de outras tantas e artigos científicos que corroboraram com o pressuposto da desigualdade como mola propulsora do baixo desempenho escolar. Explora-se a proposta de coeducação como um meio de criar formas igualitárias de aprendizagem com base na reflexão-ação dos profissionais do magistério. Apresenta-se, por fim, um plano de ação com finalidade de despertar o professor reflexivo que existe em todo professor, tendo como propósito a coeducação.

**Palavras-chave:** Fracasso Escolar. Coeducação. Pesquisador. Professor.



## **ABSTRACT**

This dissertation deals with a bibliographical investigation of how gender relations, influence the school performance of students. In order to do so, it was discussed the path taken throughout history, the construction of the concept of gender and the feminization of the teaching profession. They discuss how traditional stereotypes foster or intensify inequalities within or outside school. This book draws on many other scientific articles that corroborate the assumption of inequality as the driving force behind poor school performance. The proposal of coeducation is explored as a means to create egalitarian forms of learning based on the reflection-action of the professionals of the teaching profession. Finally, a plan of action is presented to awaken the reflective teacher that exists in every teacher, with the purpose of co-education.

**Keywords:** School Income. Coeducation. Researcher. Teacher.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Diferença entre os conceitos de sexo e gênero .....	17
<b>Figura 2.</b> Ilustração sobre o direito de escolher.....	31
<b>Figura 3.</b> Cena do filme: “Era uma vez outra Maria” .....	93
<b>Figura 4.</b> Coisas de meninos e coisas de meninas .....	95

## LISTA DE QUADROS

- Quadro 1.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Fracasso escolar de meninos” .....45
- Quadro 2.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: “Fracasso escolar; meninos” (sem aspas) .....46
- Quadro 3.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Fracasso escolar e gênero” (com e sem aspas) ..... 46
- Quadro 4.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: Fracasso escolar e gênero (sem aspas) .....47
- Quadro 5.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Fracasso escolar e sexo” (com e sem aspas) .....47
- Quadro 6.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: Fracasso escolar; sexo .....48
- Quadro 7.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Desempenho escolar e gênero” (com e sem aspas) .....48
- Quadro 8.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: Desempenho escolar; gênero .....49
- Quadro 9.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Fracasso escolar de meninos e Desempenho escolar” (com e sem aspas).....50
- Quadro 10.** Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: “Fracasso escolar de meninos e Desempenho escolar” .....50

<b>Quadro 11.</b> Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES – Descritor: “Fracasso escolar de meninos e gênero” (com e sem aspas) ...	51
<b>Quadro 12.</b> Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO – Descritor: Fracasso escolar de meninos; gênero .....	51
<b>Quadro 13.</b> Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO .....	54
<b>Quadro 14.</b> Dissertação de Mestrado – Banco de dados da SCIELO – Fábio Hoffmann Pereira (2008) .....	73
<b>Quadro 15.</b> Tese de Doutorado – Banco de dados da SCIELO – Amélia Cristina Abreu Artes (2009) .....	75
<b>Quadro 16.</b> Dissertação de Mestrado – Banco de dados da SCIELO – Patrícia Martins Penna (2005) .....	76
<b>Quadro 17.</b> Tese de Doutorado – Rosemeire dos Santos Brito (2009) .....	78

## **LISTA DE SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

EJA – Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

OATD - “Open Access Theses and Dissertations”

SciELO – “Scientific Electronic Librart”

USP - Universidade de São Paulo

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>2. RELAÇÕES ENTRE A QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA E O DESEMPENHO ESCOLAR: DISCUTINDO COEDUCAÇÃO</b> .....	16
2.1 Coeducação: a busca pela vivência da igualdade de gêneros .....	18
2.2 Coeducação: um ideal alugado ou uma realidade a espera de transformação? ..	21
2.3 O modelo de escola atual: progresso e retrocesso .....	26
2.4 Da escola mista para a coeducação .....	28
2.5 Discutindo conceitos: desempenho e fracasso escolar .....	33
2.6 Rendimento escolar e gênero: do empírico a busca por explicações teóricas .....	38
<b>3 RELAÇÕES DE GÊNERO E DESEMPENHO ESCOLAR: PESQUISAS REALIZADAS ENTRE 2008-2016</b> .....	41
<b>4 OBJETIVOS</b> .....	42
4.1 Geral .....	42
4.2 Específicos .....	42
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	43
5.1 Procedimentos de Pesquisa.....	43
<b>6 RESULTADOS</b> .....	44
<b>7 DISCUSSÃO</b> .....	72
7.1 Reflexão sobre o professor pesquisador .....	81
7.1.1 O professor pesquisador .....	81
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	86
<b>PLANO DE AÇÃO PARA IMPLEMENTAÇÃO DA COEDUCAÇÃO PARA PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO</b> .....	89

Introdução .....	89
Justificativa .....	90
Objetivo .....	91
Metodologia a ser aplicada nos encontros .....	91
Produto desenvolvido .....	92
Plano de ação – motivação de educadores a favor da coeducação .....	92
Referências .....	97

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
--------------------------	-----------

<b>APÊNDICES .....</b>	<b>102</b>
------------------------	------------

APÊNDICE A – Classificação das Produções Científicas Internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD) .....	102
--	-----

# 1 INTRODUÇÃO

Durante minha vida de profissional docente observei que a reprovação dos alunos se dava em maior escala do que das alunas. Então, cresceu em mim, a necessidade de obter resposta para esse incômodo: se a percepção que eu tinha em relação a questão do gênero, influenciava, realmente, a maneira como o aluno e a aluna dialogavam com sua aprendizagem.

O mestrado vem ao encontro aos meus anseios, como uma oportunidade de pesquisa bibliográfica e sob orientação de pesquisa para responder sobre “A questão do gênero na escola e sua repercussão no rendimento escolar”.

Houve um esforço grande para que esse trabalho não gerasse polêmica sobre a questão do gênero, tão abordado pelas redes sociais e pela mídia. O enfoque dessa obra de mestrado recai sobre como as relações de gênero, masculino e feminino, que influenciam a forma como os professores tratam os gêneros desigualmente e estereotipadamente.

Sendo assim, no primeiro capítulo, abordei como surgiu o conceito de gênero. Durante minha investigação, verifiquei como a construção do gênero se deu em meio aos movimentos feministas por igualdade social e trabalhista e que repercute até os dias de hoje. Foi abordada, também, indagações sobre a feminização do magistério, percorrendo seu caminho histórico de glória à desvalorização.

Nessa pesquisa foram abordadas também as maneiras como meninos e meninas recusam ou aceitam o que é masculino e feminino e suas respostas na escola gerando estereótipos que impregnam padrões cristalizados que acirram as diferenças, ao invés, de minimizar as desigualdades.

Durante esta pesquisa, encontrei a Coeducação como uma proposta política educacional de uma mudança do sistema de ensino, de modo amplo e sistemático. A proposta coeducativa prevê um conjunto de medidas e ações a serem implementadas, valorizando a vivência da aproximação, sem oposição e polaridade do que é feminino e masculino. Garante uma coexistência de crianças sem que seja acentuada, ou mesmo, fomentada as desigualdades nas relações de gênero. Dessa



forma, constrói-se uma escola para todos com base na igualdade e não na diferença.

O segundo momento desta obra de mestrado pesa sobre o estado da arte, o qual encontra obras e artigos científicos que no que tange as relações de gênero e suas repercussões na aprendizagem. É interessante perceber como que em circunstâncias tão distintas da vida escolar do estudante, pode-se verificar tanta similaridade em relação as relações de gênero com o rendimento escolar.

Como alternativa de trabalho, foi criado um Plano de Ação para os profissionais do magistério, com o claro intuito de sensibilizá-los em relação às questões de gênero e aflorar o professor pesquisador que é inerente ao profissional docente.

## **2 RELAÇÕES ENTRE A QUESTÃO DE GÊNERO NA ESCOLA E O DESEMPENHO ESCOLAR: DISCUTINDO COEDUCAÇÃO**

A proposta desta pesquisa é apresentar uma seleção de teses e dissertações defendidas no país, entre 2006 a 2016, com três temas que contribuem para a formação do professor nas unidades escolares: o rendimento, o desempenho e o fracasso escolar no ensino fundamental. A nossa contribuição será no sentido de apresentar estes três assuntos relacionados à diferença de gênero na escola. Optamos pelo uso da expressão gênero depois de várias leituras. Poderíamos ter utilizado a expressão sexo masculino e sexo feminino, mas, com o desenvolver das leituras, optamos por considerar o gênero masculino e feminino como mais adequado e também pelo fato de que grande parte dos pesquisadores consultados já utilizarem estas expressões. Ao usarmos expressões como meninos e meninas estaremos desconsiderando, neste caso, a construção sociocultural que está totalmente inserida no que pretendemos apresentar nesta pesquisa.

“Para dar início ao trabalho que propomos, vale ressaltar o conceito de gênero que se dá ao longo do tempo, como uma construção social que se apoia na percepção da desigualdade entre o masculino e o feminino e entre homens e mulheres.” (AUAD, 2006, p. 18).

Gênero não é sinônimo de sexo (masculino ou feminino). As características biológicas (anatômicas) entre homens e mulheres se dão conforme as construções de gêneros nas diferentes sociedades. “Ao compreendermos a ideia de gênero como um produto social formado através da história, pode-se afirmar que as desigualdades sociais não são inatas e imutáveis. Uma vez construídas podem ser transformadas!” (AUAD, 2006, p.20)

Ao tratar das relações de gênero Auad (2006) destaca:

O gênero – como um conjunto de ideias e representações sobre o masculino e sobre o feminino – cria uma determinada percepção sobre o sexo anatômico. E, então, ter pênis ou ter vagina, ser menina, homem, mulher ou menino determina quais serão as informações utilizadas para organizar os sujeitos em uma desigual (e irreal!) escala de valores. (AUAD, 2006, p.21)

Finco e Vianna (2008), afirmam que várias pesquisas, inclusive das ciências biológicas, vêm contribuindo para o debate sobre gênero como construção social do binário feminino/masculino.

Almeida (1998) faz uma análise sobre a construção sociocultural e histórica que corrobora com nossa pesquisa:

Embora num sentido mais restrito o conceito de gênero refira-se aos estudos que têm a mulher como objeto de análise, num sentido amplo o gênero pode ser entendido como uma construção social, cultural e histórica elaborada sobre a diferença sexual existente entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, não se refere especificamente a um ou outro sexo, mas sim às relações que são socialmente construídas entre eles (ALMEIDA, 1998, p. 71).

**Figura 1. Diferença entre os conceitos de sexo e gênero**



Fonte: Vix Populi Brasil.<sup>1</sup>

Farah (2004), em seu artigo Gênero e Políticas Públicas, aponta que o conceito de gênero foi incorporado pelo feminismo e pela produção acadêmica sobre mulheres nos anos 1970 e, desde então, tem sido interpretado de forma distintas por diferentes correntes do feminismo.

Segundo Pedro (2005), nos anos de 1980, a palavra gênero começou a ser utilizada com o propósito de substituir a palavra sexo:

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/search/top/?q=Vix%20Pop%20Brasil%20lgbti>> Acesso em 14 de jul. 2017.

seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura. (PEDRO, 2005, p. 78)

Estar inserido em uma categoria do gênero masculino ou feminino pressupõe uma polaridade e uma oposição em relação ao outro, o que gera expectativas, experiências, participação e inserção no mundo de forma correspondente ao gênero de seu pertencimento

Portanto, gênero masculino ou gênero feminino são construções sociais a partir de definições de valores morais de uma sociedade em determinada época, estabelecendo padrões normativos de comportamento aceitável e considerado adequado para sexos diferentes, induzindo tais comportamentos a partir de uma educação diferenciada para meninos e meninas.

Continuaremos nossa análise sobre coeducação para a compreensão do mote de nossa pesquisa.

## **2.1 Coeducação: a busca pela vivência da igualdade de gêneros**

Nesta primeira etapa da pesquisa consideramos importante iniciar com o conceito que defendemos, o de coeducação. Apresentamos sua construção teórica e uma breve linha do tempo que demonstra a construção da cidadania na escola e a feminização do ensino. Consideramos esta construção importante para chegarmos a algumas análises baseadas em pesquisa bibliográfica sobre o rendimento, desempenho e fracassos escolares. A opção por iniciarmos com a coeducação não é aleatória pois na segunda etapa desta pesquisa faremos a apresentação da seleção de materiais para o aprimoramento de leituras aos professores interessados em compreender e aplicar na sua vivência escolar as propostas das pesquisas científicas. Para nossa pesquisa é importante apontar o contexto histórico que permeia a identidade da escola brasileira pois é nela que vivenciamos a

possibilidade de reconhecermos as realidades entre gêneros no que diz respeito ao desempenho, fracasso e rendimento dos alunos.

Embora haja diferenças e igualdades entre os gêneros, o que devemos estar atentos é para não construirmos desigualdades. Sobre isso destaca Maria Victoria Benevides: “O contrário da igualdade não é a diferença. O contrário da igualdade é a desigualdade. Uma diferença pode ser culturalmente enriquecedora, ao passo que uma desigualdade é crime” (AUAD, 2006, p. 23).

Um primeiro ponto é essencial para a compreensão exata do termo coeducação: embora escola mista e coeducação sejam colocadas como sinônimos, eles, definitivamente, não o são. Pois, não basta que meninos e meninas frequentem a mesma escola para que a coeducação ocorra.

Buscando na literatura acadêmica, o conceito de coeducação, chegamos à pesquisadora Jane Soares de Almeida (2005), no texto *Coeducação ou classes mistas? Indícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870-1930)*, que nos ensina que:

Coeducar se refere ao ato educativo no qual ambos os sexos aprendem na mesma escola, na mesma classe, nas mesmas horas e utilizando-se os mesmos métodos, as mesmas disciplinas e com os mesmos professores, todos sob uma direção comum. Na coeducação realizada de maneira intencional é colocada a exigência de cooperação entre os sexos em todas as atividades escolares e se impõe a necessidade de respeito à individualidade pessoal e sexual de cada educando, o que é também o pressuposto básico da ação educativa. Não perdendo de vista esse objetivo, meninos e meninas devem ser educados de forma a poderem desenvolver suas capacidades de maneira coerente com suas peculiaridades sexuais e opções individuais, sem a opressão exercida pela diversidade sexual, e caberia à escola coeducativa a finalidade de melhorar as relações entre os sexos de modo a colocar condições propícias para um bom relacionamento na vida adulta. (ALMEIDA, 2005, p.65)

Na verdade, a escola mista serve como um instrumento necessário, (embora não o único), para que a coeducação seja eficazmente implementada e vivenciada de forma a desenvolver reais espíritos de igualdade. Não basta apenas a convivência de meninos e meninas num mesmo ambiente escolar para que se findem as desigualdades entre os gêneros. Para tanto, há que se combater a separação e a oposição dos gêneros masculino e feminino.

A política de coeducação sugerida por Auad vai além de uma metodologia a ser adotada por esta ou aquela escola. A autora sugere a adoção de:

[...] uma política pública propositiva e implementadora de modos de pensar e transformar as relações de gênero na escola. A coeducação aqui entendida ainda como uma maneira de questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino, estes percebidos como elementos não necessariamente opostos ou essenciais. (AUAD, 2006, p.55).

Ao defendermos a coeducação como um recurso possível e propício para se diminuir as gritantes desigualdades presentes na nossa sociedade, temos que falar em educação para a democracia, que para existir depende diretamente de uma educação democrática.

Assim como escola mista não é a mesma coisa que coeducação, os termos educação democrática e educação para a democracia também não são. Daniela Auad recorda da distinção dos termos propostos por Maria Victoria Benevides e explica:

A educação democrática corresponde ao processo educacional permeado por regras democráticas – igualdade diante das normas e do uso da palavra – durante seu desenvolvimento. A educação para a (e na) democracia, de maior profundidade e abrangência, ocupa-se da formação dos sujeitos para a vivência de valores republicanos democráticos. Trata-se de educação que motiva o desenvolvimento para a dignidade e fomenta a solidariedade. A educação para a democracia consiste ainda na cidadania ativa, ou seja, na formação para a participação efetiva na vida pública, como governante ou cidadão comum. (...) a existência de uma educação democrática não garante uma educação para a democracia. (AUAD, 2006, p. 54)

Como vimos, tanto a coeducação como a educação para a democracia são terminologias teóricas. Entretanto, se fizermos com que deixem o plano da idealização, ou seja, rompam com o discurso teórico e as barreiras tradicionalmente consagradas pela sociedade como desigualdade, para a busca de sua existência, teremos dado enfim, o primeiro passo firme em direção a uma sociedade mais justa. Nessa perspectiva, podemos afirmar que não há educação para a democracia sem coeducação.

Não podemos considerar esse desejo por uma sociedade mais justa para todos no plano das ideias. Como cidadãs e cidadãos comuns almejamos essa

sociedade e precisamos nos comprometer com esse processo de transformação e “em contrapartida, há uma conduta arraigada em nosso modo de agir e de pensar que fomenta as desigualdades. Porém, acreditamos que é possível reverter esse quadro com sensibilização, estudo, formação e debate”. (AUAD, 2006, p. 39). Acreditamos que como professoras e professores comprometidos com o desenvolvimento do indivíduo e do coletivo estejamos aptos a construção de uma escola nova, alicerçada nos princípios da solidariedade e da dignidade e no término das desigualdades entre o masculino e o feminino.

Ao darmos oportunidade para as transformações rumo a coeducação, todos seremos sujeitos do processo: professoras e professores, pesquisadores, diretores, orientadores educacionais, assistentes de direção, coordenadores e alunas e alunos.

Estudos, debates e pesquisas podem dar o suporte necessário para a sensibilização tão fundamental para iniciarmos o processo de transformação, com eficiência. Dessa forma, seremos capazes de romper a fronteira das práticas pedagógicas polarizadas e que aguçam as desigualdades nas relações de gênero em direção à construção de um projeto de coeducação.

## **2.2 Coeducação: um ideal almejado ou uma realidade a espera de transformação?**

Apresentamos um breve apanhado histórico que revelará como práticas educativas são passíveis de transformação. Daniela Auad (2006) menciona que no Brasil grande parte das pesquisas realizadas sobre as relações de gênero não abordam a escola mista. Em contrapartida, algumas pesquisadoras europeias debruçaram-se sobre as relações de gênero no ambiente escolar e sobre a conveniência de meninos e meninas receberem a mesma educação.

A defesa da escola conjunta para meninas e meninos sempre correspondeu à busca por maior igualdade, mesmo em épocas nas quais eram dominantes as opções educativas que propunham assumidamente a separação. [...] é um tema socialmente proposto de tempos em tempos, sem nunca ter sido esgotado. Trata-se de debate que, ao longo da história, pode revelar as dinâmicas mudanças sociais das relações de gênero. (AUAD, 2006, p. 60,61)

Registros históricos revelam que no fim do século XVIII e início do século XIX, algumas mulheres aristocratas defendiam a necessidade de instruir as meninas. Entretanto, o objetivo dessa escolarização visava atender uma boa educação para os filhos, mais do que as mulheres. Nesse dado momento histórico, as mulheres são vistas como as primeiras educadoras das gerações vindouras.

Na segunda metade do século XIX, surgem os primeiros movimentos de emancipação feminina e nesse contexto os debates por uma educação mista associam-se diretamente com a emancipação das mulheres e ao desenvolvimento civil e econômico da sociedade.

Desde o final da II Guerra Mundial, a escola mista impõe-se como um instrumento fundamental e necessário de fomento da democratização e modernização das sociedades ocidentais. Note-se que, nesse momento histórico, a educação mista participa como alicerce na construção das sociedades do Pós-Guerra e na formação de suas respectivas nações.

A verdade é que, as especificidades políticas e religiosas nos vários países e regiões da Europa foram responsáveis pelo surgimento de diversas apropriações de igualdade educacional para meninas e meninos. Assim, verificamos que os países vinculados ao protestantismo possuem registros de escolas mistas que datam o século XIX. Contudo, países católicos da Europa, ainda no século XX, viam a escola mista com suspeita, gerando oposição e de prática pouco comum nos sistemas de ensino.

E no Brasil, como se deu as premissas da escola mista? Devido a poucos registros históricos e pesquisas variadas em épocas diversas indicam que o Brasil não passou incólume à polêmica entre escola mista e educação separada, tão pouco pelas dinâmicas de conservação, de emancipação das mulheres e às relações de gênero.

Voltemos novamente no tempo. Desde o Brasil colônia, até independência de Portugal e a instauração do Império, em 1822, pode-se notar que o sistema social vigente impunha grandes dificuldades às mulheres.

Elas viviam reclusas e, geralmente, em estado de *indulgência cultural*. Havia um temor generalizado, na sociedade da época, quanto ao aprendizado da leitura e da escrita pelas meninas. [...] Os conventos femininos eram uma exceção. Neles, as mulheres recebiam rudimentos de leitura, escrita. Música e trabalhos domésticos. (AUAD, 2006, p.64)



Com a chegada do Império ao Brasil, no início do século XIX, D. João VI promoveu as reformas joaninas, as quais permitiram que mulheres recebessem educação laica. Contudo, somente àquelas de classes mais abastadas da sociedade tinham essa oportunidade, com aulas ministradas por preceptoras estrangeiras.

“Essas instituições, no entanto, eram pouco frequentadas e não havia professoras suficientes. Tal quadro ocorria em razão do preconceito ainda muito forte em relação à instrução de mulheres.” (AUAD, 2006, p.64).

A mesma Lei Imperial de 1827 que autorizou a abertura de classes femininas, também, promoveu a diferenciação do currículo para meninas e para meninos. Isso por conta do papel social que se esperava que cada sexo cumprisse na sociedade.

A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas na função social de educadora dos filhos ou, na linhagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos.(LOURO, 2012, p.446)

Ainda em 1827, foram criadas as escolas públicas de primeiras letras.

Ao serem criadas as escolas normais, a pretensão era formar professores e professoras que pudessem atender a um esperado aumento da demanda escolar. [...] Mas, curiosamente, as escolas normais estavam recebendo e formando mais mulheres que homens. (LOURO, 2012, p.449)

Continuamos concordando com Louro (1997), quando aponta a construção histórica da escola:

A escola, como um espaço social que foi se tornando, historicamente, nas sociedades urbanas ocidentais, um *locus* privilegiado para a formação de meninos e meninas, homens e mulheres é ela própria, um espaço generificado, isto é, um espaço atravessado pelas representações de gênero. Em nosso país, como em vários outros, esse espaço foi, ao princípio, marcadamente masculino [...]. (LOURO, 1997, p. 77)

Acredita-se que o fenômeno da chamada feminização do magistério, que também ocorreu em outros países, se deu por conta da industrialização e

urbanização crescente da sociedade que ampliavam as oportunidades de trabalho para os homens.

Vale ressaltar que o trabalho no magistério era essencialmente masculino e a sua feminização não se deu sem críticas, discussões e polêmicas. A corrente favorável a esse processo dizia que o magistério seria uma forma de extensão da maternidade, apoiando-se na *tríade mulher-mãe-professora*. O que de certo modo, justificava a saída dos homens da sala de aula e legitimou a entrada e a permanência das mulheres.

Assim, ao magistério foram vinculadas características femininas.” Todas as mulheres são naturalmente mães. Todas as mães naturalmente amam e sabem lidar com crianças. Ora, todas as mulheres são *natural* e *potencialmente* boas professoras de crianças pequenas” (AUAD, 2006, p.65).

Outro aspecto a ser observado é a feminização da profissão de professor. A educação diferenciada para meninos e meninas na história da educação brasileira é uma realidade que influencia ainda hoje algumas famílias no âmbito doméstico e se estende para a escola, pois as meninas passaram a estudar para se submeterem a normas de comportamento considerado feminino e os meninos - como nos mostra os compêndios da História da Educação Brasileira - já estudavam muito antes de meninas poderem estudar, porém não para terem “bom comportamento”, mas para se prepararem para o mercado de trabalho.

Nesse contexto, a necessidade de criação de uma Escola Normal, com a finalidade de preparar professores para uma escola básica que se expandia em ritmo por demais moroso para acompanhar o crescimento populacional, impunha-se como uma das prioridades. Com a criação da seção feminina do Seminário da Glória em São Paulo, no ano de 1876, que fechou dois anos depois, reabrindo em 1880, esta tornou-se rapidamente uma escola procurada cada vez mais pelas mulheres, uma vez que ficava explícita a função de dar, às boas moças que a ela se dirigiam, formação profissional, aumentar a instrução e preparar boas mães donas-de-casa [...] (ALMEIDA, 1996, p. 76).

No final do século XIX, quase dois terços das mulheres brasileiras eram analfabetas. A I Guerra Mundial mudou a configuração do mercado de trabalho em países envolvidos com o conflito, quando as mulheres, em grande contingente, passaram a assumir o trabalho fora de casa, por causado ingresso massivo de homens na guerra. Isto também repercutiu no Brasil, mesmo o país não estando diretamente envolvido no conflito. O

trabalho extradomiciliar passa a fazer parte das atividades da nova sociedade industrial que surgia no século XX. Este é um dos fatores apontados para explicar a feminização da profissão de professora/professor. “Essa feminização da profissão de educador(a), é condicionadora da educação diferenciada para meninas e meninos e isto interfere no comportamento na escola, como resultado de uma educação historicamente machista.”, como aponta Passos (1995 apud SILVA, 2011, p. 5).

Margoto (1997) continua esclarecendo o papel da educação feminina e a forma como a sociedade exigia a conduta da mulher:

A educação e seu poder de transmissão e propagação articulavam ideias, valores e hábitos ajustados às exigências da sociedade, ou de parte dela, e de seu tempo. Assim, no caso da educação feminina, era definido, principalmente, o tipo de mulher que se achava necessário formar para cada sociedade. [...] (MARGOTO, 1997 apud SILVA, 2011, p. 10).

Sobre a educação que sempre foi dirigida às meninas, primeiro na família, e, posteriormente reproduzida pela escola, Moreira (2012) aponta:

[...] Não podem as meninas, fugir desse padrão, pois não seria esse o ideal de uma mulher em formação. Ao ingressarem nos conventos, nas escolas, esse aprendizado era drasticamente retirado. Adereços e enfeites provocavam a cobiça dos homens, o que era extremamente perigoso e inadequado para jovens e casadoiras donzelas. Neste momento, os atributos do corpo feminino deveriam ser ocultos em uniformes pesados, escuros, austeros, padronizados para que não fragilizassem o sentimento masculino e se mantivessem como modelo da moral burguesa. (MOREIRA, 2012, p. 3221).

A República trouxe ao Brasil a influência da Escola Nova que apregoava um projeto de ensino oficial, obrigatório, gratuito, leigo e misto. No entanto, o que se verificou é que os escolanovistas foram incapazes de promover o que preconizavam, ou seja, conseguir transformar a dominante e tradicional relação das mulheres com o magistério primário, emancipando-as dos domínios masculinos que as encerravam num currículo restritivo de preparação para a vida no lar.

Na verdade, o que se notava predominantemente era a defesa da escola mista como uma forma *econômica* de organizar as classes escolares. Juntar meninos e meninas seria um modo de afirmar a educação como um direito de todos e de viabilizar a suposta “equalização de oportunidades”, presentes no projeto liberal da

Escola Nova. Ou seja, manter um sistema de ensino com classes separadas para meninos e meninas sairia mais caro aos cofres públicos, o que inviabilizaria a implantação do ideal de ensino oficial, obrigatório, gratuito e leigo. (AUAD, 2006, p. 67-8)

O que podemos concluir ao analisar a história da implantação das escolas mistas? Podemos verificar que o advento das escolas mistas não foi suficiente para um combate eficaz à discriminação das mulheres.

Sob essa ótica, propomos a coeducação como uma nova possibilidade de ser e agir na sociedade.

### **2.3 O modelo de escola atual: progresso e retrocesso**

Como exposto anteriormente, a escola mista não traz em si as soluções para o problema enfrentado pela sociedade da desigualdade dos sexos. Vimos que, apesar de teorias inovadoras, como as trazidas pela Escola Nova, os ideais que pesavam sobre as escolas mistas foram manipulados, a fim de criar uma falsa ideia de igualdade, quando que, na verdade, escondiam em sua criação interesses escusos de poupar os cofres públicos com sua implantação.

A própria história e estudos pertinentes a esse tema garantem a escola mista como um recurso poderoso e fundamental, embora não seja o único, de transformação social rumo a desejada sociedade mais justa e solidária que queremos ter e viver.

Os contextos escolares refletem como o masculino e o feminino é interpretado em nossa sociedade. As discussões travadas acerca de como devem ser as instituições educacionais a fim de melhor desenvolver seus alunos e alunas para a vida e para a sociedade, movem defensores da escola separada por sexos e, outros, como nós, em defesa da escola mista. Que fique clara nossa escolha. Este subitem da pesquisa elucida uma tendência, retrógrada, no modelo de escola brasileiro. Devemos nos atentar.

Os argumentos daqueles que defendem as escolas separadas, “separatistas” repousam na dualidade entre os sexos, na divisão dada pela natureza. Por outro lado, em defesa da escola mista podemos dizer que antinatural seria separar o convívio de meninos e meninas num mesmo ambiente.

No Brasil, os debates acerca das relações de gênero na escola apoiam-se em uma percepção hipócrita:

[...] que os problemas de desigualdade do feminino e do masculino na escola estão resolvidos apenas porque meninos e meninas têm igual acesso à escolarização. Talvez, em razão dessa ideia, haja certa raridade, para não dizer ausência, de estudos sobre a escola mista. O silêncio sobre o tema nas pesquisas e nos estudos educacionais relaciona-se com uma percepção, falaciosamente sustentada, de escola mista como algo que *sempre esteve lá*, algo cuja formação seja alheia a qualquer processo histórico. (AUAD, 2006, p.71,72)

Outra alegação dos separatistas contra a escola mista reside no desempenho de resultados superiores das meninas em relação ao desempenho escolar dos meninos. Da mesma forma, argumentam que, as escolas separadas para meninas desenvolveriam mulheres mais críticas e políticas por não sofrerem a intimidação pertinente aos padrões masculinos, muito valorizados socialmente. E, no outro lado, os meninos, que estudam em escolas separadas, não se sentiriam intimidados ou desmotivados pelos resultados superiores obtidos por elas. Além disso, os meninos estariam livres para desenvolver sua identidade sexual, longe da 'não diferenciação' promovida em uma escola mista.

Quanto ao desempenho escolar superior das meninas, podemos dizer que estudos e pesquisas de nacionalidades diversas testemunharam que não existem desempenhos estáveis associados a escolas separadas ou mistas. Da mesma forma, não há dados que expressem a legitimidade das escolas separadas. O que se verificou foram dados que apontaram para um melhor desempenho daqueles meninos ou meninas pertencentes a um meio sociocultural privilegiado.

Em relação àqueles que defendem uma escola só para meninos, podemos refletir:

A menos que desejemos homens e mulheres com mentalidades bastante discriminatórias, o ideal é que a formação identitária de todos se dê em contato com o masculino e o feminino e, sobretudo, em simultâneo questionamento de qual masculino e de qual feminino queremos. (AUAD, 2006, p.75)

Sabemos que a mera coexistência de sujeitos de sexos diferentes, pertencentes a grupos sociais distintos, num mesmo ambiente social ou institucional

não resolve uma problemática social mais ampla. A mera coexistência não garante os objetivos de igualdade preconizados pela escola mista.

Vale considerar que, as escolas mistas representam a intenção política e social de se criar meios de superação das desigualdades sociais entre homens e mulheres. Se a vida em sociedade é mista, por que não, também, a escola? A escola mista corresponderia aos anseios democráticos e a uma oposição a premissas morais e religiosas que depõem contra a igualdade de gêneros e com isso de oportunidades de desenvolvimento para todos da sociedade.

É importante e urgente considerarmos que precisamos romper com as amarras das tradicionais e hierarquizadas relações de gênero e agirmos em direção a uma prática que se apoie na igualdade e justiça social.

Ressaltamos que existe no Brasil e no mundo uma corrente pedagógica, que incentiva a volta de escolas separadas para meninos e meninas, como podemos ler na reportagem intitulada “Meninos para cá, meninas para lá”, da revista Carta Capital, na matéria de Oliveira (2011). Essas escolas são em geral de cunho religioso. De acordo com Valdir Fernandes, diretor de uma dessas escolas, essa proposta não é segregacionista, discriminatória ou conservadora, mas que tem como objetivo o rendimento acadêmico, pois as meninas estão biologicamente dois anos na frente dos meninos.

Mas nessa mesma reportagem Marília Pinto de Carvalho analisa que a separação por sexo é desastrosa e defende a coeducação. “Vivemos na era da diversidade e da defesa de que o respeito à diferença deve ser aprendido desde cedo”. E, ensina que se existe diferença entre meninos e meninas, “ela deve ser enfrentada ensinando a cada um a conhecer e a respeitar o outro”.

#### **2.4 Da escola mista para a coeducação**

Por meio desse estudo, foi verificado que a escola reproduz as injustiças e desigualdades sociais encontradas fora dela. Entretanto, também foi testificado que a escola mista pode ser um recurso propício e favorável para o desenvolvimento de práticas as quais repercutam em oportunidades justas e iguais para todos.

Em busca dessas práticas sociais adequadas em uma sociedade democrática, nos perguntamos, qual a morada dessa conformação pela desigualdade e injustiças reproduzidas nas práticas escolares em nossa sociedade?

Auad nos responde: “esse trabalho de conformação tem início na família e encontra eco e reforço na escola”.(2006, p.78)

No entanto, deve ficar claro que, meninos e meninas não são sujeitos passivos de modos de ser, agir e pensar impostos pela sociedade, pela família ou pela escola. De diferentes formas, essas crianças ou, ainda, pequenos grupos reagem a essas influências externas, seja recusando ou assumindo-as. Alunos e alunas, ao longo de sua vida escolar, reagem às aprendizagens sobre as relações de gênero propostos nos processos educacionais. Dessa forma, há a possibilidade de transformação da realidade por meio de resistência às relações de gêneros tradicionalmente impostas. Esse trabalho defende a proposta de um trabalho sistemático e reflexivo de uma vivência de aproximação, sem oposição e polaridade entre o feminino e o masculino de modo a não acentuar as desiguais relações de gênero e garantir uma coexistência de meninos e meninas de forma ampla e justa. Para tanto, nos valem da coeducação, a saber:

Ao utilizar o termo coeducação refiro-me a um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino. Trata-se de uma política educacional, que prevê um conjunto de medidas e ações a serem implementadas nos sistemas de ensino, nas unidades escolares, nos afazeres das salas de aula e nos jogos e nas brincadeiras nos pátios. (AUAD, 2006, p.79)

A coeducação exige um novo olhar para o outro e para si mesmo, é ter a humildade de desconstruir conceitos arraigados em nossa sociedade sobre o masculino e o feminino com o firme propósito de estabelecer direitos iguais e justiça sociais.

A proposta coeducativa é apenas o início da jornada. Não há uma receita pronta, porém há recomendações práticas, normas e preceitos a serem trilhados e que demandam reflexão, debate e sistematização. Metaforicamente, podemos dizer que deixar de ser uma escola mista para nascer uma escola coeducativa pode ser comparado à metamorfose da lagarta para a borboleta.

Daniela Auad sugere os seguintes passos em direção ao projeto coeducativos, primeiro “são necessários “agentes de mudança”, também chamados de agentes da coeducação, que seriam responsáveis por analisar práticas e

situações escolares, traçar objetivos igualitários, estabelecer metodologias de trabalho, também, definir tarefas” (AUAD, 2006, p.80).

Além disso, seriam responsáveis pela formação de professores e demais profissionais da educação e funcionários da escola. Esses agentes seriam atuantes nas esferas governamentais e não governamentais, nas escolas e nas organizações da sociedade civil, com a clara finalidade de garantir o debate sobre as relações de gênero promovendo que a discussão sobre educação esteja presente em toda a sociedade.

O segundo passo seria dado rumo à unificação do sistema educacional para meninos, meninas, homens e mulheres. Ou seja, programar ações que combatessem as várias mensagens e práticas veiculadas de *coisas de menino* e *coisas de menina*, como as disciplinas e conteúdos escolares mais fáceis para meninos ou para meninas.

O papel da mulher está sendo discutido nos desenhos engajados da mineira Carol Rossetti e que podem colaborar na nossa discussão sobre coeducação. A ilustradora luta pelos direitos das mulheres intitulando-se como uma feminista interseccional, defendendo um ambiente inclusivo. As mulheres representadas por Carol Rossetti possuem nomes, qualidades diversas e histórias reais. A que destacamos para ilustrar este trabalho é Clara e sua proposta é mostrar que toda mulher tem espaço seja no campo das ideais e do raciocínio lógico. Há uma crítica nesta ilustração defendendo que a mulher pode e deve colocar-se em áreas, equivocadamente, consideradas masculinas.



**Figura 2. Ilustração sobre o direito de escolher**



Fonte: Blog Página Cinco sobre a ilustradora mineira Carol Rossetti<sup>2</sup>

Transformações de valores tradicionalmente consagrados como força, coragem e empreendedorismo, ao se referir aos meninos e, emotividade e afetividade como que sentimentos e valores atribuídos às meninas, seriam por meio da proposta coeducativa igualmente pertencentes a meninos e meninas.

O projeto de coeducação é amplo e abrangente. Auad (2006) comenta que as transformações fundamentais devem ocorrer nos mais variados setores da sociedade, sensibilizados e transformados para que o almejado desejo de relações de gênero igualitárias seja paulatinamente satisfeito. Dentre esses setores citamos a legislação, que detém o poder de romper com barreiras sociais que impedem igual acesso e permanência de homens e mulheres no trabalho e de meninos e meninas, na escola.

O sistema educativo também compõe o rol de setores que necessitam transformação sob a ótica coeducativa, promovendo acolhida de meninos e meninas a todas as práticas esportivas e ao estudo de matemática, ciências, arte e música.

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2015/09/16/mineira-faz-sucesso-internacional-com-desenhos-engajados-sobre-mulheres/?cnpid=copiaecola>>. Acesso em 14 de jul. 2017.

Cabe às unidades escolares romperem com sentimento de urgência, qualquer prática que leve a segregação nas escolas, por exemplo, evitando filas separadas de meninos e meninas. Um exemplo corriqueiro embora recorrente nos ambientes escolares.

A observação dos currículos escolares também se faz mister para que sejam asseguradas percepções de gêneros igualitárias.

A interação entre professoras, professores, alunos e alunas em práticas educativas que não carreguem o caráter desigual entre o masculino e o feminino, também é destacada pela autora. Capacitar e dar formação aos profissionais da educação com o ideal coeducativo. Além disso, buscar a paridade do professorado, quando homens e mulheres, em igual proporção quantitativa ocupem os diversos cargos de comando e nas salas de aula. E, por fim, levar os livros didáticos a uma análise reflexiva, se suas imagens e mensagens contribuem ou não para uma educação igualitária.

A proposta coeducativa demanda muito trabalho, é ambiciosa para que venha a ser implantada como política pública. Porém, a coeducação deve ser percebida como algo que nasce aos poucos, gerada pelas decisões das professoras em seus planejamentos, em suas salas de aula. (AUAD, 2006, p.86)

O projeto de coeducação repousa na luta por uma sociedade com mais igualdade entre os gêneros e com mais justiça social. Insiste no combate aos ensinamentos oferecidos pelas famílias e pelas instituições sociais que discriminam as relações de gênero, étnico-raciais, geracionais e de classe.

Acreditamos na viabilidade de implantação da coeducação nas escolas mistas, pois acreditamos no ser humano e na sua capacidade de ser e de se transformar com o propósito de viver bem e feliz numa sociedade a qual se orgulha em fazer parte.

Pretendemos com esta pesquisa informar aos seus leitores e pesquisadores a necessidade da quebra deste paradigma com a efetivação de uma co-educação, onde ambos os gêneros tenham as mesmas possibilidades e oportunidades de aprender na escola.

## 2.5 Discutindo conceitos: desempenho e fracasso escolar

A nossa proposta de discussão inicia-se com a análise de três conceitos, o desempenho, o rendimento e o fracasso escolar, que serão apresentados pela metodologia de pesquisa intitulada “Estado da arte” no próximo capítulo. O objetivo deste tópico é ressaltar a importância de estudar o desempenho escolar do aluno, propondo uma análise mais atenta, profunda e abrangente do que usual avaliação por meio de exames e notas. Uma avaliação, como a própria Lei de Diretrizes e Bases (LDB) propõe: “contínua e criativa do desempenho do aluno em que prevaleçam os seus resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais” (LDB, Lei 9394, s. p.).

As diferenças de desempenho escolar segundo gênero mostram-se intrigantes no meio docente? Em busca de respostas para tal problematização, verificamos que a maioria dos trabalhos realizados no Brasil sobre essa possuem suas balizas investigativas no eixo analítico das discriminações de classe.

Por essa razão, podemos afirmar que existe uma lacuna no meio acadêmico sobre investigação do desempenho escolar do ponto de vista do gênero, como propõe este estudo.

O objetivo deste tópico é ressaltar a importância de apresentar o desempenho escolar do aluno, propondo uma análise mais atenta, profunda e abrangente do que a mera avaliação por meio de exames e notas. Uma avaliação, como a própria Lei de Diretrizes e Bases dispõe, contínua e criativa do desempenho do aluno em que prevaleçam os seus resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (LDB, Lei 9394). A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), entre outras disposições, indica: “[...] avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais.” (LDB, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, s. p.).

No Brasil, somente a partir da década de 1990, o desempenho escolar passou a ser objeto de estudos e reflexões. Contudo, há algumas décadas, esse tema já era discutido no âmbito mundial. O fato de o estudo da avaliação do desempenho escolar ter sido por muito tempo relegado a segundo plano em nosso país, gerou um alto índice de reprovações, bem como o analfabetismo funcional e a evasão escolar.

Para demonstrar a relevância desse assunto, nos valeremos dos estudos de Borkowski, Maria Cláudia Dal'igna, Solange Muglia, Wechsler, Nancy Allen, Marília Pinto de Carvalho, Silva et al. (1999).

O bom desempenho acadêmico, segundo Borkowski (1992, apud OLIVEIRA et al, 2008, p. 533), refere-se ao fato do “aluno realizar as tarefas e as atividades escolares de forma eficaz, atingindo seu objetivo final que é o aprendizado”.

Dentro dos trabalhos pesquisados podemos citar o de Marília Pinto de Carvalho (2003) no qual se verificou que:

[...] as principais políticas para a Educação no país centravam-se na diminuição dos índices de evasão e repetência, assim como diversas práticas de “aceleração” de forma a permitir a passagem dos alunos para o ensino fundamental em tempo mais curto. (CARVALHO, 2003, p.60)

A isso, a referida autora chamou de “correção do fluxo escolar”. A autora pesquisou uma escola municipal da Região Metropolitana de São Paulo que atende alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental. A autora constatou que algumas das principais políticas para a educação no País – na época em que realizou a pesquisa – centravam-se sobre a “correção do fluxo escolar”, isto é, a diminuição dos índices de evasão e repetência, assim como diversas práticas de “aceleração”, de forma a permitir a passagem dos alunos pelo ensino fundamental em um tempo mais curto. Os resultados dessas políticas são avaliados a partir de estatísticas de desempenho escolar – as taxas de evasão, repetência e aprovação –, cujas contagens são divulgadas pelos governos federal e do estado de São Paulo como grandes vitórias de sua política educacional.

Nessa perspectiva, o desempenho escolar é medido e avaliado de acordo com as notas obtidas pelo aluno e o índice de reprovação da escola, podendo ser resultado de uma política direcionada para obter o desempenho escolar considerado satisfatório, que consiste na aprovação por atingir ou ultrapassar a média mínima para a aprovação, algo que é criticado por Wechsler (2002):

Ao nos referirmos ao termo “desempenho escolar” surge, subitamente para a maioria dos professores, a associação com o conceito de rendimento avaliado de notas. Esta tem sido a maneira mais usual de se compreender e avaliar a aprendizagem: as notas

escolares. Entretanto, poucas vezes essas notas refletem algo mais do que um exercício de memória, considerando que o tipo de ensino encontrado nas nossas escolas valoriza a repetição e o pensamento convergente, que é aquele no qual se espera uma única resposta certa, geralmente a que está no livro ou na cabeça do professor. (WECHSLER, 2002, p. 180).

Partindo do pressuposto de que o conceito de desempenho escolar está, na maioria das escolas e dos órgãos oficiais de Educação, intrinsecamente ligado ao conceito de rendimento avaliado e medido por meio de notas, Wechsler (2002) considera uma triste realidade:

[...] uma escola que só serve para tirar boas notas e não traz nada mais relevante para a vida. Sem dúvida, o modelo adotado é punição ou recompensa, na qual a aprendizagem é motivada pelo medo, por algo externo ameaçador que pode atribuir prêmios ou punições, que decididamente não atende os interesses individuais nem desenvolve a motivação para aprender. (WECHSLER, 2002, p. 180)

Segundo Dal'Ígna (2013, p. 29) o desempenho escolar é medido, avaliado e hierarquizado por meio de exames:

[...] nas “pedagogias disciplinares”, cada desempenho é avaliado. Seria possível afirmar que o exame – combinando operações de vigilância hierárquica e sanção normalizadora –, ao mesmo tempo que permite descrever, medir, comparar, hierarquizar e normalizar os desempenhos, é também uma das condições de possibilidade da invenção dessa noção. Tais pedagogias, operando por meio de notas, fichas e relatórios, permitem ainda transformar cada sujeito em um caso, contribuindo assim para a invenção categoria criança-aprendiz. (DAL'IGNA (2013, p. 29).

Para Oliveira et al. (2008), o fracasso escolar se refere a um desempenho não satisfatório na aprendizagem das disciplinas. A autora Dal'Ígna (2013) apresenta algumas considerações sobre sucesso e fracasso escolar que devem ser abordadas quando se fala em desempenho escolar:

- 1) constroem o sucesso e o fracasso como decorrentes das aptidões e inteligências individuais e que responsabilizam o/a aluno/a por seu alto/baixo desempenho. Nessa perspectiva, as explicações médicas e psicométricas sobre a disfunção biológica, a desnutrição, a deficiência intelectual, a alteração neurológica, a desordem afetiva e a coordenação motora atrasada permitem mensurar o desempenho de cada um/a.
- 2) posicionam as crianças das classes populares como ‘deficitárias’.

Isso permite abrir um parêntese: no cenário da política educacional, desde a década de 70 discute-se fortemente, no Brasil, a necessidade de implementar programas preventivos para compensar o despreparo dos/as alunos/as oriundos/as das classes populares. Daí surgem os “programas de educação compensatória”, cuja base é “abordagem da privação cultural” ou “teoria da carência cultural”. A ‘educação compensatória’ deveria suprir as ‘carências culturais’ das crianças de classes populares (quais sejam, por exemplo, déficit verbal e capacidade deficiente de pensar logicamente). Nessa perspectiva, a influência de um ambiente sociocultural carente de informações e de recursos (incluindo aí a responsabilização da família) seria determinante para o baixo desempenho escolar e, conseqüentemente, responsável pelas altas taxas de repetência e evasão. Após esses parênteses, voltemos à questão do desempenho. (DAL'IGNA, 2013, p. 32)

Segundo Varela (2002, apud DAL'IGNA, 2013, p.31), “as pedagogias psicológicas fundam suas raízes nas pedagogias corretivas”. “Novos saberes cientificamente determinados – como os estágios de desenvolvimento infantil” (VARELA, 2002, apud DAL'IGNA, 2013 p. 31), – permitem, pouco a pouco, controlar cada vez mais e de modo menos visível os desempenhos. Segundo a autora supracitada, as pedagogias corretivas colocam a criança no centro do processo educativo para reorganizar o tempo e o espaço escolar, propor novos métodos e novas técnicas de ensino de modo a garantir seu desenvolvimento a partir de suas capacidades naturais e essenciais.

Jussara Hoffmann, que é uma das autoridades acadêmicas no estudo da avaliação, mostra-se também contrária a essa equivocada ideia veiculada no meio docente do desempenho escolar atrelado à aferição de resultados de provas e exames finais. Ela nos alerta que a avaliação é um processo e que, portanto, se dá de forma contínua e em vários espaços escolares com intenção clara de favorecer ao máximo o desenvolvimento do aluno. Para essa autora, avaliar numa concepção mediadora, engloba necessariamente a intervenção pedagógica, ou seja, um fazer pedagógico que contribua para o desenvolvimento do aluno. Sendo assim, “sem a ação pedagógica, não se completa o ciclo da avaliação na sua concepção de continuidade, de ação-reflexão-ação”. (HOFFMANN, 2012, p. 12-15).

Diante do exposto, podemos facilmente verificar que a prática de avaliação com base exclusiva na aferição de resultados coloca a repetição e o pensamento convergente em destaque, contribuindo para o fracasso escolar tão discutido nos meios políticos, sociais, culturais e acadêmicos do nosso país.

Sucesso e fracasso escolares são ramificações do desempenho escolar, satisfatórias ou não. Ambos devem ser considerados ao se falar em desempenho escolar do aluno. A autora Dal'igna (2013, p.32) aborda “o sucesso e o fracasso escolar como construções decorrentes das aptidões e inteligências individuais e que responsabilizam o/a próprio/a aluno/a por seu alto/baixo desempenho”.

A trajetória do sucesso ou fracasso escolar sob a perspectiva do gênero/sexo ainda possui escassa literatura educacional ou mesmo trabalhos de pesquisas acadêmicos sobre esse tema.

Carmen A. Duarte da Silva, Fernando Barros e Solvia C. Halpernet (1999) fizeram uma pesquisa quantitativa relacionando gênero e desempenho escolar, na qual a maioria dos professores entrevistados considerou que os meninos são mais indisciplinados que as meninas. Apenas 2% dos professores entrevistados consideraram que os meninos têm bom comportamento, enquanto 49% dos professores pesquisados consideraram que são as meninas que têm melhor comportamento em sala de aula. Tal fato, na visão dos educadores, poderia justificar o melhor rendimento escolar das meninas.

O que ocorre é que as meninas, por fatores sociais e psicológicos tendem a ser mais submissas e obedientes às normas, mas isso não determina que elas serão sempre bem sucedidas profissionalmente. Tal fato se explica se observarmos que desde o início o processo educativo é permeado de estereótipos de gênero, definindo ou seja, - autorizando ou interditando - determinados campos de conhecimento e de ação, como femininos ou masculinos.

Sobre os métodos de avaliar a aprendizagem medindo o desempenho dos alunos por meio de notas a partir de avaliações uniformes, sem considerar as diferenças dos educandos, métodos utilizados, docentes e metas do governo federal e que se reproduzem nas esferas municipais, Fazenda et al. (2010), questiona:

Dessa forma, em que medida o professor compreende e valoriza as diferentes manifestações dos alunos diante de tarefas de aprendizagem? Estará este professor buscando uniformidade nas respostas deles ou provocando as diferenciadas formas de expressão ou alternativas de solução às “charadas” propostas? Poderá a escola entender como possível a formação de turmas homogêneas? Poderemos conceber um grupo de alunos como “iguais” em sua maneira de compreender o mundo? Poderão os professores encontrar critérios precisos e uniformes para avaliar o desempenho de muitas crianças? Corrigir tarefas por gabaritos únicos? (FAZENDA et. al., 2010, p. 28)

## 2.6 Rendimento escolar e gênero: do empírico à busca por explicações teóricas

A justificativa pelo tema “rendimento escolar e gênero” ocorreram da observação, enquanto professora do ensino fundamental, de que os meninos obtinham notas inferiores às das meninas; portanto concluiu-se que o rendimento escolar deles era inferior. Posteriormente, como orientadora educacional, verifiquei que o índice de retenção geral dos meninos era maior do que das meninas. Tal fato fomentou minha busca por explicações, levando à leitura de livros, artigos e dissertações sobre a temática.

Vários fatores influenciam no rendimento escolar. Tais fatores podem ter relação a elementos internos e externos ao funcionamento da escola e abrange desde a dificuldade própria de algumas disciplinas até à questão da afetividade. Faz-se necessário ainda abordar a problemática do rendimento escolar, chamando atenção para a influência bidirecional dos aspectos psicossociais e de socialização (FORMIGA, 2004, p. 15).

Quanto à relação que comumente se estabelece sobre a diferença entre o desempenho escolar de meninas e meninos.

As justificativas da diferença de desempenho expressam a percepção de que “os meninos são mais inteligentes, porém, indisciplinados; enquanto as meninas são atentas e aplicadas, mas menos inteligentes”. Traçam, portanto, um perfil dos alunos e das alunas, delineando as características que enxergam e ressaltam. Ao mesmo tempo em que percebem essas características ancorando-as nas suas próprias concepções e representações, vão também construindo contornos e assim dando forma aos próprios comportamentos de seus/suas alunos/as (SILVA et al, 1999, p. 215).

Consideramos que o “desempenho escolar só pode ser avaliado de forma justa e eficaz a partir de “uma educação criativa” que “poderia trazer o verdadeiro significado da aprendizagem, estimulando o estado de fluir criativo e o prazer pela descoberta”, destaca Wechsler (2002, p. 187).

Mesmo hoje meninas que estudam em escolas que não se encaixam nesses padrões são submetidas a estes estereótipos sociais incrustados na sociedade e aos meninos é dada a liberdade de serem “rebeldes” e não se subordinarem a certas regras e códigos morais e comportamentais.



Segundo LOURO (2008), a mulher sofre interferências de especialistas de todas as áreas que lhes ditam normas comportamentais:

Especialistas das mais diversas áreas dizem-nos o que vestir, como andar, o que comer (como e quando e quanto comer), o que fazer para conquistar (e para manter) um parceiro ou parceira amoroso/a, como se apresentar para conseguir um emprego (ou para ir a uma festa), como “ficar de bem com a vida, como se mostrar sensual, como aparentar sucesso, como... ser. (LOURO, 2008, p.18)

Para Silva et al.(1999),

A condução do processo educativo, como socialização da criança, desde a instituição familiar até a escola, está permeada de estereótipos de gênero, definindo – ou seja, autorizando ou interditando – determinados campos de conhecimento e de ação, como femininos ou masculinos. Assim, são sexuados os saberes, as áreas de conhecimento, os comportamentos e formas de expressão, a sexualidade, os desejos, etc. Entende-se, pois, que a maneira feminina de exercer o magistério, nas séries iniciais, favorece e valoriza o desempenho escolar das meninas. (SILVA et al, 1999, p. 221).

As preferências e os comportamentos diferenciados não são resultantes de fatores biológicos e físicos, mas de uma construção social condicionada e direcionada pela educação diferenciada para meninos e meninas.

Esteban (2001) adverte que muitas vezes tanto a prática em sala de aula quanto as propostas que chegam à escola são excludentes e classificatórias, embora travestidas de modernidade:

[...] Muitas vezes observamos, tanto na sala de aula quanto nas propostas que chegam à escola, a manutenção da prática de avaliação fundamentada na lógica classificatória e excludente, ainda que a prática adquira uma aparência inovadora e que o conceito de avaliação escolar associado à quantificação do rendimento do/a aluno/a seja objeto de inúmeras e profundas críticas (ESTEBAN, 2001, p. 121).

Por outro lado, o rendimento escolar pode estar associado à subjetividade do docente na hora de corrigir os testes. Certas disciplinas, principalmente aquelas que pertencem às ciências sociais, podem dar origem a várias interpretações ou explicações, que o professor deve saber analisar na correção para determinar se o estudante compreendeu ou não os conceitos.

Formiga (2004) discute o rendimento e aprendizagem desta forma:

Não se pode falar em rendimento escolar sem se fazer menção à aprendizagem; esta é um processo natural que faz parte do cotidiano de cada pessoa, é uma ação conjunta do indivíduo com o meio externo, a qual se dá entre acertos e erros, direcionando os indivíduos a caminhos diferentes no processo educacional [...] (FORMIGA, 2004, p.15).

Para Fazenda (2007), a avaliação “ [...] não é uma nova ideia que surge, ela é tão antiga quanto o processo educacional”. Mas o que existe, é uma vontade muito grande de mudanças que deveriam ocorrer na avaliação e na sua forma de aplicação. Então, a avaliação deveria estar mais a serviço do aluno do que a serviço do sistema. Podemos afirmar, portanto, com base nas pesquisas de Formiga e Fazenda, que o desempenho escolar está intimamente ligado ao processo avaliativo.

### **3 RELAÇÕES DE GÊNERO E DESEMPENHO ESCOLAR: PESQUISAS REALIZADAS ENTRE 2008-2016**

Esta pesquisa de mestrado tem por finalidade apresentar aos professores interessados no tema gênero e desempenho escolar os trabalhos produzidos tanto no país quanto no exterior, no período de 2008 a 2016. Consideramos adequada a análise desta temporalidade de produção científica em virtude de conceitos e propostas metodológicas que contribuem de forma atualizada aos interessados. A produção do exterior não foi nosso principal objetivo mas consideramos pertinente apontar alguns títulos para enriquecimento de leituras aos pesquisadores deste assunto.

Consideramos que um material de indicação de leituras sobre a produção científica deste tema possa enriquecer os conceitos dos gestores da escola e servir de fonte de referências como aprimoramento aos professores e demais funcionários.

Os autores utilizados são fontes científicas no país e exterior o que nos assegura que a contribuição científica apresentada neste material é viável de aplicação no ambiente escolar.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 Geral**

Levantar subsídios segundo a questão do fracasso escolar de meninos e meninas, no espaço temporal de 2008 a 2016. Para tal, utilizamos o estado da arte em três diferentes bancos de dados: CAPES, SciELO e USP.

### **4.2 Específicos**

Selecionar materiais relativos ao fracasso escolar no que se refere à temática sexo/gênero, nas produções acadêmicas na área do conhecimento das ciências humanas;

Promover ao professor pesquisador através da seleção de textos que seu conhecimento sobre o fracasso escolar na escolar saia do senso do comum e que se promova uma apropriação científica da importância desta temática;

Apresentar ao professor pesquisador, que faz parte do produto desta pesquisa, as propostas de diversos autores nacionais e de outros países selecionados, que a ênfase na temática fracasso escolar precisa ser estudada e repensada na escola.

## 5 METODOLOGIA

Adotamos a pesquisa bibliográfica, para a investigação do nosso objeto de estudo, por entender ser relevante buscar o conhecimento acerca da totalidade de estudos e pesquisas sobre a temática sexo/gênero e o fracasso escolar. Sendo assim, pela insuficiência de fontes sobre o tema, se fez necessário utilizarmos como metodologia uma seleção de produção científica que servirá ao aprimoramento de gestores, professores e funcionários do ambiente escolar.

De acordo com Knechtel (2014), a pesquisa bibliográfica consiste em:

A pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado e desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, isto é, material acessível ao público em geral. (...) Na pesquisa bibliográfica (...), não são realizadas entrevistas, nem são feitas observações sobre situações vividas. (KNECHTEL, 2014, p. 146)

### 5.1 Procedimentos de Pesquisa

Procedeu-se, então, a busca no banco de teses e dissertações CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, na biblioteca eletrônica SciELO - Scientific Electronic Librart e na biblioteca digital da Universidade de São Paulo (USP), usando os seguintes descritores: “fracasso escolar de meninos”, “fracasso escolar e gênero”, fracasso escolar e sexo”, “gênero e desempenho escolar”, “gênero e fracasso escolar de meninos”, “desempenho e fracasso escolar de meninos” e encontramos um total de 15 documentos sobre a temática do sexo/gênero e o fracasso escolar.

Deste total, os documentos foram divididos da seguinte forma: na biblioteca eletrônica SciELO, localizamos 04 artigos científicos; do banco de dados da biblioteca digital da USP e banco de teses e dissertações da CAPES, completamos os demais. Após esta etapa, partimos para a leitura e organização dos resumos.

## 6 RESULTADOS

A pesquisa foi dividida em duas propostas, a saber:

- A primeira delas apresenta uma busca através de seis descritores: 1. “Fracasso escolar de meninos”; 2. “Fracasso escolar e gênero”; 3. “Fracasso escolar e sexo”; 4. “Gênero e desempenho escolar”; 5. “Gênero e fracasso escolar de meninos”; e, 6. “Desempenho e fracasso escolar de meninos”.
- E a segunda proposta colabora na pesquisa do professor pesquisador, temática que envolve o produto deste mestrado profissional: 1. Gênero (Descritores: Masculinidades, Meninos, Relações de gênero, “sexo” relacionado a gênero) e, 2. Desempenho Escolar (Descritores: Desempenho educacional, Fracasso Escolar, Rendimento Escolar, Progressão Continuada, Dificuldades de aprendizagem).

Dos quadros 1 ao 12, que chamamos de primeira proposta, foi realizada a organização de vários descritores para facilitar a busca pela temática da pesquisa. A construção deste quadro mostra a quantidade de produções encontradas, o ano, os autores e a instituição de pesquisa. Além disso, organizamos as informações do total de pesquisas nas fontes de dados (Capes, Scielo e USP).

Vale destacar que nesta primeira proposta há referências que apontam a data de 2001 e justificamos a apresentação deste material como forma de colaborar no aprimoramento de leituras aos interessados sobre o tema.

O item intitulado primeira proposta apresenta um caráter quantitativo sobre a produção brasileira com variações na quantidade de produção ao acrescentamos ou retiramos as aspas nos descritores nas fontes de dados escolhidas, a saber: Capes, Scielo e USP. Consideramos pertinente apresentar esta variação em virtude da importância da pontuação numa pesquisa em bancos de dados nacionais. A quantidade de informações mostra-se significativamente alterada

quando o pesquisador utiliza diversas pontuações. Nos títulos de cada quadro apresentamos a forma como foi digitada nos bancos de dados.

### PRIMEIRA PROPOSTA: ANÁLISE QUALITATIVA DOS DESCRITORES

<b>Quadro 1. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES - Descritor: “Fracasso escolar de meninos”</b>			
Descritor: “Fracasso escolar de meninos” (com aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
2	2013	Ana Paula Rodrigues do Nascimento	Universidade Federal de Goiás - GO
		Descritor: Queixa escolar, Fracasso Escolar, Meninos	
	2009	Cintia Aparecida Garcia Rodrigues	Universidade Estácio de Sá - RJ
		Descritor: Fracasso Escolar, Gênero, Representações sociais	
Descritor: Fracasso escolar de meninos (sem aspas)			
986.856	De 2012 a 2016	696113 Dissertações (D) de Mestrado e 228218 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: “Fracasso escolar”; “Meninos” (com aspas)			
4332	De 2012 a 2016	3263 Dissertações (D) de Mestrado e 228218 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: Fracasso escolar; Meninos (sem aspas)			
42.732	De 2012 a 2016	31.007 Dissertações (D) de Mestrado e 8.033 Teses (T) de Doutorado	

Neste descritor: “Fracasso Escolar de Meninos” os descritores das duas dissertações não combinam com que se encontra entre aspas, mas apenas com 2 deles: fracasso escolar; meninos, separadamente.

<b>Quadro 2. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>			
Descritor: Fracasso escolar; meninos (sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
1	2006	Rosemeire dos Santos Brito	Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas (FCC)
Descritor: Meninos; Relações de Gênero; Fracasso Escolar; Socialização.			

<b>Quadro 3. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES por descritor</b>			
Número de Teses / Dissertações / Artigos - CAPES			
Descritor: "Fracasso escolar e Gênero" (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
1	2013	Ana Paula Rodrigues do Nascimento	Universidade Federal de Goiás - GO
Descritor: Queixa escolar, Fracasso Escolar, Meninos			
984.117	De 2012 a 2016	694.168 Dissertações (D) de Mestrado e 227.558 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: "Fracasso escolar; gênero" ( com e sem aspas)			
85.143	De 2012 a 2016	60.719 Dissertações (D) de Mestrado e 18.995 Teses (T) de Doutorado	



<b>Quadro 4. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>			
Número de Artigos - SCIELO			
Descritor: Gênero e Fracasso escolar (sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
2	2006	Rosemeire dos Santos Brito	Caderno de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas (FCC)
		Descritor: Meninos; Relações de Gênero; Fracasso Escolar; Socialização.	
	2001	Marília Pinto de Carvalho	Rev. Est. Fem.
		Descritor: ensino fundamental, avaliação, relações de gênero, fracasso escolar	

<b>Quadro 5. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES por descritor</b>			
Número de Teses / Dissertações / Artigos - CAPES			
Descritor: "Fracasso escolar e Sexo" (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
984.107	De 2012 a 2016	694.158 Dissertações (D) de Mestrado e 227.558 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: "Fracasso escolar; gênero" ( com e sem aspas)			
72.424	De 2012 a 2016	52.431 Dissertações (D) de Mestrado e 14.622 Teses (T) de Doutorado	

<b>Quadro 6. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>
Número de Artigos - SCIELO
Descritor: Fracasso escolar e sexo
Nenhuma produção encontrada

<b>Quadro 7. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES por descritor</b>			
Número de Teses / Dissertações / Artigos - CAPES			
Descritor: “Desempenho Escolar e Gênero” (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
984.174	De 2012 a 2016	694.212 Dissertações (D) de Mestrado e 227.568 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: “Desempenho Escolar; Gênero” (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
2	2014	Milene Carneiro Machado	Universidade Estadual de Campinas (Doutorado em Educação)
		Descritor: atitudes; autoeficácia; desempenho escolar; gênero; ENEM; Educação Matemática	
	2009	Patrícia Martins Penna	Universidade de São Paulo (Mestrado em Educação)
		Descritor: Rendimento escolar; Relações de Gênero; Relações étnicas e raciais; crianças; Etnografia	

<b>Quadro 8. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>			
Número de Artigos - SCIELO			
Descritor: Desempenho Escolar; Gênero			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
4	2014	Marília Pinto de Carvalho	Revista Educação e Pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
		Descritor: Desempenho escolar, Gênero, Socialização familiar, Setores populares urbanos, Meninas	
	2012	Marília Pinto de Carvalho	Revista Pro-posições da Faculdade de Educação - UNICAMP
		Descritor: gênero; desempenho escolar; estado da arte	
	2007	Maria Cláudia Dal'Igna	Educação em Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais
		Descritor: Educação escolar; Estudos de gênero; Desempenho escolar	
2004	Marília Pinto de Carvalho	Cadernos Pagu do Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu da Universidade Estadual de Campinas	
	Descritor: Desempenho Escolar, Ensino Fundamental, Gênero, Raça		

<b>Quadro 9. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES por descritor</b>			
Número de Teses / Dissertações / Artigos - CAPES			
Descritor: “Fracasso escolar de meninos e Desempenho Escolar” (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
987.163	De 2012 a 2016	696.350 Dissertações (D) de Mestrado e 228.273 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: “Fracasso escolar de meninos; Desempenho Escolar” (com e sem aspas)			
986.858	De 2012 a 2016	696.115 Dissertações (D) de Mestrado e 228.218 Teses (T) de Doutorado	

<b>Quadro 10. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>
Número de Artigos - SCIELO
Descritor: Fracasso escolar de meninos; Desempenho Escolar
Nenhuma produção encontrada

<b>Quadro 11. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da CAPES por descritor</b>			
Número de Teses / Dissertações / Artigos - CAPES			
Descritor: “Fracasso escolar de meninos e Gênero” (com e sem aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
987.165	De 2012 a 2016	696.352 Dissertações (D) de Mestrado e 228.273 Teses (T) de Doutorado	
Descritor: “Fracasso escolar de meninos; Gênero” (com aspas)			
Nº Produções Encontrados	Ano	Autor	Instituição
1	2013	Ana Paula Rodrigues do Nascimento	Universidade Federal de Goiás (Mestrado em Educação)
		Descritor: Queixa escolar, Fracasso Escolar, Meninos	
Descritor: Fracasso escolar de meninos; Gênero (sem aspas)			
986.864	De 2012 a 2016	696.121 Dissertações (D) de Mestrado e 228.218 Teses (T) de Doutorado	

<b>Quadro 12. Número de Teses / Dissertações / Artigos encontrados na plataforma da SCIELO por descritor</b>
Número de Artigos - SCIELO
Descritor: Fracasso escolar de meninos; Gênero
Nenhuma produção encontrada

## **SEGUNDA PROPOSTA: USO DOS DESCRITORES PARA A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA**

No quadro 13 apresentamos as produções científicas da CAPES e SCIELO: Teses (T), Dissertações (D) e Artigos (A) através dos seis descritores mencionados na segunda proposta e que correspondem aos 16 documentos sobre a temática do sexo/gênero e o fracasso escolar, anteriormente mencionados. Nesta proposta optamos por não discriminar as fontes de dados da Universidade de São Paulo pelo fato das produções constarem no banco de dados da CAPES. Para melhor identificar cada um dos tipos de materiais foram selecionadas três cores diferentes: a cor azul para Teses (T), o fundo branco para as Dissertações (D) e a cor laranja para os Artigos (A).

Neste quadro reproduzimos os resumos encontrados nos 15 materiais e além disso descrevemos os nomes dos autores, o título da obra, as palavras-chave, o orientador, a Instituição e o nome do periódico, o tipo de produção (tese, dissertação ou artigo) e o ano.

O enfoque de nossa pesquisa, conforme já mencionado, foi determinado pelo período de 2008 a 2016. No entanto, encontramos algumas publicações consideradas pertinentes de indicação, sendo uma delas de 2004. A análise qualitativa do quadro apresenta 03 teses de Doutorado, 08 dissertações de Mestrado e 04 artigos. Reforçamos que este quadro faz parte da segunda proposta da metodologia da pesquisa e que os descritores utilizados foram: 1. Gênero (Descritores: Masculinidades, Meninos, Relações de gênero, “sexo” relacionado a gênero) e, 2. Desempenho Escolar (Descritores: Desempenho educacional, Fracasso Escolar, Rendimento Escolar, Progressão Continuada, Dificuldades de aprendizagem).

Ressaltamos que em virtude de nossa preocupação em colaborar junto a construção do conhecimento do professor pesquisador, nossa pesquisa não enfocou apenas um ciclo de aprendizagem. Os trabalhos acadêmicos elencados distribuem-se desde o ensino fundamental até o Ensino de Jovens e Adultos (EJA), conforme os resumos do quadro 13. A escolha da descrição dos trabalhos atendeu aos requisitos considerados com resultados de pesquisas relevantes pela autora.

A ordem da organização dos dados deste quadro atende o período da produção de forma decrescente. Para facilitar a pesquisa aos interessados no tema consideramos que a disposição do período possa colaborar na procura dos dados nos bancos de dados. Os resumos foram retirados dos trabalhos originais.

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Ana Paula Melo da Silva	Gênero, habilidades e resultados educacionais	Decomposição estatística Desempenho educacional Economia da educação Economia da personalidade Gênero Habilidades não-cognitivas	Marcos de Almeida Rangel	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo	D	2016	Por que meninas e meninos têm desempenhos diferentes na escola? Nesta pesquisa, vamos examinar as disparidades de gênero no desempenho escolar em Linguagem e Matemática utilizando um novo conjunto de dados de 10.000 alunos do Sistema Público de Ensino de São Paulo, Brasil. O amplo conjunto de informações disponíveis nos permite testar a importância relativa das competências socioemocionais e incentivos à educação sobre os resultados educacionais de meninos e meninas. Nós traçamos um perfil socioemocional único de meninos e meninas no Brasil e encontramos diferenças de gênero significativas nas habilidades e incentivos à educação. Realizando um exercício de decomposição, descobrimos que a diferença de gênero nos resultados educacionais é significativamente explicada pelas diferenças nos níveis de insumos observados, especialmente incentivos à educação. Ainda, encontramos novas evidências sobre a importância dos incentivos à educação para explicar as diferenças de gênero em notas de sala de aula e resultados de testes padronizados.



**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	AN O	RESUMO
					Área de Ensino		
Adriano Souza Senkevics	Gênero, família e escola: socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo	Desempenho escolar; Feminilidades; Masculinidades; Relação família-escola; Sociologia da infância	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	D	2015	Desde a segunda metade do século XX, as desigualdades de gênero na educação brasileira têm se revertido a favor das meninas, que hoje apresentam os melhores indicadores educacionais ao longo de sua trajetória escolar. O conjunto de investigações científicas dentro dessa temática, lançando mão do conceito de gênero, tem realçado inúmeras contribuições para se pensar o papel da escola na construção de masculinidades e feminilidades entre seus alunos e alunas. Entretanto, algumas lacunas têm persistido e apontado para novos desafios e perspectivas dentro do campo de estudos em gênero e educação. Entre elas, a existência de poucos trabalhos que procuram entender, sobretudo do ponto de vista das próprias crianças, as construções de masculinidades e feminilidades no âmbito das expectativas e práticas de socialização familiar, aqui incluídas as atividades que as crianças desempenham em suas residências, suas regiões de moradia e em outras instituições que por ventura frequentem. Partindo da necessidade de se investigar, em maior profundidade, essas interfaces entre gênero, família e escola, este trabalho de caráter qualitativo toma como sujeitos de pesquisa 25 crianças oriundas de camadas populares, entre oito e treze anos de idade, matriculadas no terceiro ano do Ensino Fundamental de uma escola pública do município de São Paulo. Por meio de entrevistas semiestruturadas e observações participantes durante um semestre letivo, procura-se compreender como meninos e meninas percebem e ressignificam a postura de suas famílias frente a diferenças e semelhanças de gênero, a fim de explorar as relações entre as desigualdades na educação escolar e as construções de masculinidades e feminilidades no âmbito familiar, tomando como base a teoria da socióloga australiana Raewyn Connell. Os resultados desta pesquisa sugerem que, por um lado, as meninas encontram à sua disposição um leque restrito de
					Educação		

						<p>atividades de lazer, bem como um acesso mais vigiado ou mesmo interdito ao espaço público da rua e arredores da residência, os quais elas mesmas entendem como perigosos e arriscados. Por outro, elas costumam também estar sobrecarregadas pelos afazeres domésticos, que realizam como parte de suas rotinas atarefadas e controladas, de modo a espelhar a divisão sexual do trabalho entre adultos. Existe, assim, uma relação por vezes antagônica entre a participação nos serviços de casa, as oportunidades de lazer e a circulação no espaço público, que resultam em situações de confinamento doméstico para muitas das meninas e, em contraste, rotinas mais frouxas e livres para a maioria dos garotos. Ademais, percebe-se que, na maioria dos casos, as garotas apresentam aspirações profissionais voltadas para carreiras que exigem maior qualificação profissional e até mesmo um prolongamento da escolarização, enquanto muitos dos meninos demonstram certo desconhecimento ou imaturidade a respeito de suas perspectivas de futuro. Conclui-se, enfim, que o cenário sexista sobre o qual se assenta a socialização familiar parece estimular um maior desempenho escolar das meninas por duas vias: primeiramente, pelo incentivo à construção de feminilidades pautadas pela responsabilidade, organização e iniciativa atributos condizentes com as expectativas escolares; e, em segundo lugar, pela significação positiva da escola enquanto um espaço de entretenimento, sociabilidade e realização pessoal, em que as meninas, mais do que os meninos, encontram possibilidades para ampliar seu horizonte de perspectivas e práticas.</p>
--	--	--	--	--	--	--

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Divimary Borges	Relações de gênero na infância: uma experiência na escola democrática	Educação; Escola democrática; Gênero; Infância	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	D	2015	Esta pesquisa procurou entender como as crianças de uma escola particular com princípios democráticos na cidade de São Paulo constroem suas interações de gênero, tanto nos momentos livres como nos períodos de estudo. O trabalho parte da hipótese de que um espaço pedagógico libertário pode criar possibilidades de construção de um caminho promissor na busca por relações sociais infantis que não siga padrões binários sexuais rígidos, que são predominantes na sociedade e na maioria das escolas contemporâneas. Considerando a autonomia e o respeito à individualidade das crianças como princípios básicos destas pedagogias com princípios progressistas, buscamos observar quais eram as concepções de feminilidade e masculinidade no ambiente escolar pesquisado, e também, em que momentos os pertencimentos de gênero foram flexíveis nas escolhas individuais e coletivas, se causavam distanciamentos ou aproximações, conflitos ou parcerias, assim como se serviam de delimitadores de espaço e de tempo. Por meio das abordagens dos Estudos Sociais da Infância e dos Estudos sobre as Relações de Gênero, essa pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2014, com 21 alunos e alunas entre 6 e 21 anos. Apesar da pouca permeabilidade nas relações simbólicas e práticas de gênero entre estes estudantes, os resultados apontam para um ambiente aberto a novas construções e ressignificações devido a permanente transitoriedade de pesquisadores e estagiários, assim como de alunos, alunas, educadores e educadoras. A abertura às novas aprendizagens e a novas formas de se pensar, assim como a abertura do espaço educacional para a comunidade, proporciona debates e reflexões, o que são fatores que podem motivar uma nova forma de lidar com o conhecimento e, conseqüentemente, a desconstruir concepções que causam desigualdades sociais.
					Educação		

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Fábio Hoffmann Pereira	Configurações do ofício de aluno: meninos e meninas na escola	Configuração; Desempenho escolar; Ensino Fundamental; Fracasso Escolar; Gênero; Ofício de aluno; Sociologia da Infância	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	T	2015	A pesquisa aqui apresentada é resultado de trabalho de investigação qualitativa que teve como objetivos principais compreender como alunos e alunas configuram seu ofício de aluno, em quais aspectos esta construção é mais simples ou mais complexa e difícil para as crianças, além de discutir em quais aspectos a configuração do ofício de aluno é semelhante ou diferente para meninos e para meninas. Com base principalmente em três eixos teóricos o conceito de configuração, definido por Norbert Elias, os referenciais teóricos e metodológicos fundamentados nos estudos das Relações de Gênero e os referenciais teóricos e metodológicos da Sociologia da Infância o trabalho de campo foi desenvolvido ao longo de um ano, acompanhando uma turma do segundo ano do ensino fundamental em uma escola pública da rede municipal de ensino da Cidade de São Paulo. As análises concentraram-se em três dos aspectos observados: relação da professora da turma e sua organização da aula com os meninos e as meninas, as relações dos alunos e das alunas com o espaço da sala de aula e com os materiais escolares e as relações entre pares. Quanto ao gênero, uma maior competição entre as meninas pareceu levá-las a um esforço maior para cumprir seu ofício de aluno de uma maneira que respondesse à escola como aquele aluno que tem boa compreensão dos conteúdos ensinados. Já os meninos pareciam conseguir equilibrar melhor os aspectos da conversa e da bagunça com a apresentação das tarefas e o aprendizado satisfatório. Os meninos e as meninas percebidas como maus e más alunas também demonstraram peculiaridades interessantes de transgressão e, ao mesmo tempo, de muita consciência de como deve ser um aluno na escola. As conclusões destas análises evidenciam que em nenhum momento as crianças são passivas no aprendizado de seu ofício

							como aluno, pelo contrário, os três aspectos da análise apresentados mostraram-se imbricados e carregados tanto de reproduções quanto de interpretações ativas das crianças em relação às regras, às rotinas, aos usos de objetos, à amizade, à ajuda mútua, dentre outros aspectos.
Juliana da Silva; Thais Silva Beltrame; Maick da Silveira Viana; Renata Capistrano Annelise do Vale	Autoeficácia e desempenho escolar de alunos do ensino fundamental	Autoeficácia; Rendimento escolar; Crianças	Nada consta	Universidade do Estado de Santa Catarina / Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP	A	2014	O estudo objetivou investigar a associação do senso de autoeficácia com o desempenho escolar, as dificuldades de aprendizagem, o sexo e a idade de crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental. Participaram 406 escolares (56,9% meninas), com idades entre sete e dez anos, matriculados em uma escola da região metropolitana de Florianópolis/SC. Os instrumentos utilizados foram o Teste de Desempenho Escolar (TDE) e o Roteiro de Avaliação do Senso de Autoeficácia (RASAE). Foi identificada associação significativa entre autoeficácia e desempenho escolar para todos os níveis de habilidades escolares, e aqueles com melhor desempenho apresentavam maior autoeficácia ( $p < 0,001$ ). Quanto ao sexo, as meninas mostraram-se mais autoeficazes do que os meninos ( $p < 0,05$ ). Crianças de diferentes grupos etários (7 a 8 e 9 a 10 anos) tiveram níveis semelhantes de autoeficácia. Sugere-se que ações com vista ao aumento da autoeficácia sejam direcionadas especialmente aos meninos e grupos com baixo desempenho, de forma a repercutirem na motivação e aprendizagem escolar. Palavras-chave: Autoeficácia; rendimento escolar; crianças.

T

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Fernanda Ribeiro Pinto Rodriguez	Meninos não choram? Um estudo sobre fracasso escolar e jovens masculinidades no ensino médio	Fracasso Escolar, Masculinidades, Jovens e Ensino Médio	Gilda Cardoso de Araújo	Universidade Federal do Espírito Santo - ES	D	2014	A temática do fracasso escolar tem sido muito discutida atualmente. As taxas de evasão e de reprovação escolar são significativas, em especial quando é considerado o sexo masculino. Investigar informações sobre o fracasso escolar, seja enquanto repetência ou enquanto abandono, possibilitou um olhar mais sensível a esse problema em nossa sociedade e possibilitou a reflexão sobre o quanto há para ser feito em relação ao ensino médio, pois, na medida em que se propõe a universalização do ensino fundamental, pouco tem se feito para garantir a continuação dos estudos a fim de que os alunos conclua a educação básica. Assim, partindo de estudos e dados estatísticos que indicavam que os meninos tendem a fracassarem na escola, consideramos que seria possível supor que os significados atribuídos por esses jovens a evasão possam estar relacionados ao seu tornar-se homem. Desta forma a questão central de nossa investigação foi: Em que medida o processo de constituição da masculinidade de jovens homens influenciam ou interferem no fracasso escolar? Questionávamos como jovens do sexo masculino, que já abandonaram a escola durante a etapa do Ensino Médio, significam a sua ou suas história (s) de abandono escolar e em que medida os significados atribuídos por esses jovens à evasão escolar são relacionados ao processo de constituição de suas masculinidades. Adotamos as categorias Gênero e Juventude para compor a investigação sobre o fracasso de jovens do sexo masculino que evadiram e regressaram a escola. O objetivo de nosso estudo foi analisar a relação que jovens homens traçam entre a constituição de suas masculinidades e o fracasso escolar. Utilizamos entrevistas com 12 jovens do sexo masculino, 7 que haviam evadido e retornaram a escola e 5 que estão evadidos. E realizamos um grupo focal
					Educação		

							com o grupo que regressou. A partir das informações obtidas nas entrevistas e no grupo focal, podemos inferir que a questão da masculinidade influencia a evasão escolar destes meninos, uma vez que se relaciona, dentre outros com o aspecto da independência, da responsabilidade e da resistência ao modelo adotado pela escola atual, na qual se espera que os sujeitos sejam vistos apenas como aluno, sendo esquecido o fato de serem jovens.
Andreia Osti; Selma de Cassia Martinelli	Desempenho Escolar: Análise Comparativa em Função do Sexo e Percepção dos Estudantes	Relações interpessoais; Percepção de alunos; Desempenho escolar	Nada consta	Universidade de São Paulo / Educação e Pesquisa Revista da Faculdade de Educação	A	2014	<p>O presente artigo investigou o desempenho escolar em função do sexo e a percepção de alunos em relação às expectativas de seu professor. Participaram da pesquisa 120 alunos do 5º ano do ensino fundamental de escolas públicas municipais da região metropolitana de Campinas, dos quais 60 alunos têm desempenho escolar satisfatório e 60 têm desempenho insatisfatório. Foi utilizada uma escala de percepção de alunos acerca das expectativas dos professores; já para medir o desempenho escolar foi considerado o conceito atribuído pelo professor ao aluno. Os resultados revelaram diferenças significativas entre meninos e meninas do grupo de alunos com desempenho insatisfatório, pois a maioria (83,3%) era do sexo masculino. Por outro lado, não se verificaram diferenças estatisticamente significantes quando comparados meninos e meninas do grupo com desempenho escolar satisfatório, embora a média de desempenho escolar das meninas tenha sido maior. Em relação à percepção de seus professores, foram observadas diferenças nos dois grupos. Alunos com desempenho satisfatório se percebem mais elogiados e são escolhidos como ajudantes na sala de aula, enquanto alunos com desempenho insatisfatório acreditam receber mais críticas de seus professores e são vistos como mais indisciplinados. Os dados permitem discutir as relações vinculares entre alunos e professores, as influências das vivências e experiências no momento da aprendizagem e como essas influenciam o interesse e a motivação dos estudantes.</p>

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Ana Paula Rodrigues do Nascimento	Da “Queixa” ao Fracasso Escolar: Um Estudo sobre a Predominância do Encaminhamento de Meninos aos Serviços de Psicologia.	Queixa escolar, Fracasso Escolar, Meninos	Susie Amancio Gonçalves de Roure	Universidade Federal de Goiás - GO	D	2013	Com uma perspectiva crítica em psicologia e em educação, o objetivo deste estudo é conhecer os aspectos envolvidos na predominância do encaminhamento de meninos com queixas escolares para atendimento psicológico em clínicas-escola de psicologia e unidades de saúde pública. Baseando-se na compreensão de que o fracasso escolar é um fenômeno socialmente produzido, buscou-se refletir sobre os mecanismos que produzem as queixas escolares em meninos, e como essas queixas, construídas no espaço escolar, se convertem em questões intrínsecas, tornando o acompanhamento psicológico uma das vias de resolução para problemas escolares. Para a investigação do objeto de estudo, adotou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, por considerá-la essencial para desvelar o problema levantado. Procedeu-se, então, a uma busca no banco de teses e dissertações Capes, na biblioteca eletrônica SciELO, na biblioteca virtual em saúde (BVS) e nos periódicos eletrônicos em psicologia (PePSIC), utilizando os seguintes descritores: “caracterização de clientela infantil em clínicas-escola de psicologia”, “caracterização de clientela infantil em serviços de saúde pública”, “queixa escolar de meninos”, “fracasso escolar de meninos”, “relação entre gênero e educação”, “gênero e fracasso escolar de meninos”, “gênero e desempenho escolar”, “predomínio de crianças do sexo masculino encaminhadas para clínicas-escola de psicologia ou serviços de saúde pública”. Para o levantamento das informações, foram trabalhados dois grupos de fontes bibliográficas: o primeiro grupo é constituído por estudos e pesquisas na área da psicologia que investigaram a demanda infantil para acompanhamento psicológico em clínicas-escola de psicologia e serviços de saúde pública; o segundo grupo constitui sede estudos e pesquisas da área da educação



							que investigaram o fracasso escolar de meninos. Com a descrição e análise do corpus documental foi possível apreender alguns aspectos que colaboram para a predominância de meninos com queixas escolares, o que permitiu o questionamento de concepções que naturalizam os processos de desenvolvimento desses meninos, bem como situar a temática proposta no contexto histórico-cultural das relações de gênero.
Cintia Aparecida Garcia Rodrigues	Representação social de gênero no fracasso escolar de meninos	Fracasso Escolar, Gênero, Representações Sociais	Tarso Bonilha Mazzotti	Universidade Estácio de Sá - RJ	D	2009	Esta pesquisa tem origem em um problema: os alunos do sexo masculino fracassam em maior número do que os do sexo feminino? Quais seriam as explicações mais plausíveis? A resposta à primeira questão foi obtida por meio de um estudo estatístico da totalidade de alunos e alunas de escolas no Município de Mangaratiba (RJ), separando-os por sexo e situação escolar. Verificou-se que há associação estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 13,644$ ; $\alpha = 0,05\%$ ; $gl = 1$ ) entre sexo e reprovação, em que os meninos reprovam mais do que as meninas. Mas o mesmo não ocorre para evasão, indicando que não se dá o fenômeno reprovação-evasão, todavia este aspecto não foi investigado. A segunda questão foi respondida por meio de 82 entrevistas conversacionais e análise de Livros de Ocorrências para verificar as justificativas para a situação dos meninos e o perfil das censuras de condutas e incidência de meninos nos registros. Na análise das entrevistas e registros de ocorrências utilizou-se as técnicas retóricas para identificar as representações sociais de “bom/mau aluno”. Verificou que “bom aluno” coincide com a representação social de “feminino”, tendo identificados seus elementos: obediência, passividade, capricho e bom comportamento A representação social de gênero determina o fracasso escolar de estudantes que não apresentam as condutas desejáveis pelo ethos feminino e os dados estatísticos mostraram que os meninos estão sendo mais prejudicados.

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Cintia Aparecida Garcia Rodrigues	Representação social de gênero no fracasso escolar de meninos	Fracasso Escolar, Gênero, Representações Sociais	Tarso Bonilha Mazzotti	Universidade Estácio de Sá - RJ	D	2009	Esta pesquisa tem origem em um problema: os alunos do sexo masculino fracassam em maior número do que os do sexo feminino? Quais seriam as explicações mais plausíveis? A resposta à primeira questão foi obtida por meio de um estudo estatístico da totalidade de alunos e alunas de escolas no Município de Mangaratiba (RJ), separando-os por sexo e situação escolar. Verificou-se que há associação estatisticamente significativa ( $\chi^2 = 13,644$ ; $\alpha = 0,05\%$ ; $gl = 1$ ) entre sexo e reprovação, em que os meninos reprovam mais do que as meninas. Mas o mesmo não ocorre para evasão, indicando que não se dá o fenômeno reprovação-evasão, todavia este aspecto não foi investigado. A segunda questão foi respondida por meio de 82 entrevistas conversacionais e análise de Livros de Ocorrências para verificar as justificativas para a situação dos meninos e o perfil das censuras de condutas e incidência de meninos nos registros. Na análise das entrevistas e registros de ocorrências utilizou-se as técnicas retóricas para identificar as representações sociais de "bom/mau aluno". Verificou que "bom aluno" coincide com a representação social de "feminino", tendo identificados seus elementos: obediência, passividade, capricho e bom comportamento A representação social de gênero determina o fracasso escolar de estudantes que não apresentam as condutas desejáveis pelo ethos feminino e os dados estatísticos mostraram que os meninos estão sendo mais prejudicados.
					Educação		

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Amélia Cristina Abreu Artes	O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade?	defasagem idade-série; gênero; sexo; trabalho infanto-juvenil	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	T	2009	De acordo com relatórios publicados por renomadas agências multilaterais, as meninas devem ocupar um lugar prioritário nos investimentos educacionais com vistas à igualdade de gênero no mundo. Contudo, estudos brasileiros indicam que, no país, os meninos apresentam os piores indicadores educacionais. Esta tese parte da constatação e análise da incompatibilidade destas informações. As meninas apresentam piores indicadores de ingresso (matrícula) nas regiões mais pobres do mundo, em que o acesso à escola ainda é restrito para ambos os sexos. Esta situação está também estreitamente ligada a fatores culturais e étnicos. Porém em regiões em que o acesso é praticamente universalizado, caso do Brasil, os indicadores de percurso (defasagem idade-série, anos de escolaridade, etc.) apresentam um pior resultado para os meninos. Na literatura a respeito da temática, quando se ressaltam os piores indicadores para os meninos a principal justificativa aventada é a necessidade de trabalhar para gerar renda, mais presente no universo masculino. Esta tese tem por objetivo avaliar a influência do trabalho nas trajetórias escolares de meninos e meninas. A partir dos microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio PNAD 2006, desenvolve-se uma modelagem estatística visando explicar a defasagem idade - anos de estudo (faixa etária de 10 a 14 anos) a partir da variável sexo e considerando o fator trabalho como variável de controle. Outros fatores como: cor (branco ou negro); regionalização do país (diferenciado por IDH alto, médio ou baixo) e afazeres domésticos, atividade mais presente no universo feminino, foram considerados no modelo. Os resultados indicam que o trabalho prejudica o percurso escolar de forma mais intensa para os meninos e os afazeres domésticos de forma mais sutil para as meninas, com resultados piores para os negros de ambos os sexos. As análises permitem concluir que o

							trabalho não pode ser considerado o principal responsável pela maior defasagem entre idade e anos de estudo dos rapazes de 10 a 14 anos no Brasil, pois de cada dez meninos apenas um trabalha e cinco estão defasados. Assim, para se compreender os diferentes percursos escolares de meninos e meninas é preciso investigar outros fatores, especialmente os internos ao funcionamento das escolas.
Patrícia Martins Penna	Cenas do Cotidiano escolar, visibilidades e invisibilidades	Crianças; desempenho escolar; etnografia; gênero; raça	Marília Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	D	2009	O objetivo desta pesquisa é compreender como alunos constroem ativamente estratégias de visibilidades e invisibilidades no cotidiano de sala de aula frente ao olhar do professor, buscando entender como essas estratégias marcam suas trajetórias escolares e quais sentidos representam no tornar-se aluno. Para tanto, foi importante um olhar mais atento às práticas escolares, nitidamente marcadas por gênero e raça, e aos seus efeitos no rendimento escolar. A pesquisa com enfoque etnográfico foi realizada em uma escola pública do Município de São Paulo e contou com observações do espaço escolar, tendo como foco uma sala de aula de quarto ano do ensino fundamental, e entrevistas semi-estruturadas com a professora e alunos da turma investigada. De forma implícita, esse estudo vincula estratégias de visibilidade ou não a desempenho escolar e, portanto, traz questionamentos acerca da efetiva aquisição de conhecimento.
					Educação		

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Rosemeire dos Santos Brito	Masculinidades, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens na educação de jovens e adultos em uma escola pública municipal de São Paulo	educação de jovens e adultos; fracasso escolar; gênero; juventude; masculinidades; raça	Cláudia Pereira Vianna	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	T	2009	Nesta tese, busca-se uma reflexão sobre a dimensão simbólica dos conteúdos de gênero existentes em narrativas de jovens rapazes estudantes de um projeto de EJA da rede municipal da cidade de São Paulo, o chamado projeto CIEJA. A coleta de dados foi realizada em uma das unidades do referido projeto e o problema do estudo foi construído a partir da percepção da recente concentração de jovens rapazes, negros e pobres, na educação de jovens e adultos. Assim sendo, procurou-se verificar e investigar as possíveis relações entre masculinidades, raça e rendimento escolar, tendo por base os relatos dos jovens sobre as experiências escolares vividas antes e após seu ingresso no CIEJA. A proposta metodológica presente nessa investigação considera que relatos narrativos são portadores de reflexões que dotam de sentido as ações individuais, de tal forma que ao tomar em consideração as histórias contadas sobre a escolarização é possível ter acesso aos símbolos culturais que estruturam e fundamentam as masculinidades em sua relação com o rendimento escolar. Foram realizadas entrevistas com jovens, uma entrevista em grupo com o corpo docente da unidade do CIEJA e outra com a equipe técnica responsável pela gestão e orientação pedagógica da escola. A análise dos dados revela que os jovens compartilham significados de gênero condizentes com o que esperavam ser o modelo hegemônico de masculinidade nas escolas. A hegemonia e o caráter normativo dessa forma de identidade de gênero masculina foram mantidos ao longo de seus percursos escolares, através de práticas lingüísticas e corporais que lhes possibilitavam perceberem-se fortes, capazes de causar problemas e bem sucedidos em práticas esportivas associadas ao universo masculino, como o futebol. Desta forma, a medida do sucesso escolar, para esses jovens, está vinculada ao êxito das
					Educação		

							estratégias adotadas para preservar no espaço escolar os símbolos de gênero que estruturam o modo como entendem o que significa ser homem. O estudo constata também que jovens negros, embora estabeleçam relações de cumplicidade com o modelo hegemônico, compartilham uma masculinidade marginalizada, em função das contradições envolvidas em sua corporalidade, enquanto símbolo e fonte de expressão de masculinidade. Conclui-se que o projeto CIEJA procura resgatar a condição de sujeitos desses alunos, criando um espaço educacional diferenciado. Todavia, os significados do modelo hegemônico que esses jovens compartilharam, ao longo do ensino fundamental regular, permanecem incólumes durante sua trajetória no CIEJA, apontando assim outras possibilidades de reflexão para a compreensão e intervenção pedagógica junto a esses jovens.
Leandro da Silva Almeida; Lúcia Miranda; María Adelina Guisande	Atribuições causais para o sucesso e fracasso escolares	Aprendizagem escolar; Motivação; Rendimento escolar.	Nada consta	Estudos de Psicologia I Campinas	A	2008	A Teoria da Atribuição de Causalidade representa um interessante corpo teórico para analisar como os alunos explicam as suas situações de sucesso e de insucesso escolar. Este artigo analisa se essas atribuições causais se diferenciam de acordo com o gênero e o ano escolar dos alunos. A amostra foi composta por 868 alunos do 5º ao 9º ano de escolaridade. A avaliação recorreu ao Questionário de Atribuições de Resultados Escolares, no qual os alunos ordenam seis causas possíveis (esforço, método de estudo, bases/conhecimentos, ajuda dos professores, sorte e capacidade) consoante a sua importância na explicação dos seus sucessos e dos seus insucessos escolares. Os resultados sugerem que os alunos, independentemente do sexo e do ano escolar, associam os seus resultados acadêmicos (sucesso e fracasso) ao esforço, surgindo ainda para explicar o insucesso a falta de métodos apropriados de estudo. À medida que se avança na escolaridade, as bases de conhecimentos surgem mais valorizadas na explicação do sucesso escolar. Por outro lado, os rapazes parecem recorrer mais à capacidade para explicar o seu sucesso, e as meninas mais ao esforço e às bases de conhecimentos. Na explicação do insucesso, a falta de esforço e de método de estudo surgem mais valorizados que a capacidade conforme se avança na escolaridade, o que parece proteger a auto-estima dos alunos.
					Educação		

**Quadro 13. Classificação das Produções Científicas selecionadas na plataforma da CAPES e SCIELO**

AUTOR	TÍTULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Fábio Hoffmann Pereira	Encaminhamentos a recuperação paralela: um olhar de gênero	Dificuldades de aprendizagem; Progressão continuada; Recuperação paralela; Relações de gênero	Pinto de Carvalho	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo	D	2008	Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa que teve por objetivo analisar a percepção que as professoras têm de alunos e alunas encaminhados à recuperação paralela. O objetivo da pesquisa foi verificar se os motivos pelos quais meninos e meninas são encaminhados/as à recuperação paralela são semelhantes, ou se diferem de acordo com o sexo do/a estudante. A pesquisa baseou-se nos estudos sobre as relações de gênero e educação e em estudos sobre o fracasso e o sucesso escolar. As hipóteses iniciais eram de que os meninos seriam encaminhados por motivos não necessariamente ligados à sua real dificuldade de aprendizagem, seja por conta de indisciplina, seja por uma suposta culpabilização da família que não ajudaria o aluno nas tarefas escolares em casa, por exemplo. Já as meninas seriam encaminhadas por conta de dificuldades de aprendizagem geradas por timidez, apatia, deficiência mental, etc., ou seja, o motivo de encaminhamento das alunas seria por uma dificuldade intrínseca à menina, não havendo muita esperança de que a recuperação paralela contribuísse para que ela avançasse, já que sua dificuldade estaria atrelada a fatores psicointelectuais. A pesquisa de campo centrou-se em uma escola do Município do Embu que possuía um projeto de recuperação para alunos com dificuldades em leitura e escrita: o Projeto Letras e Livros e contou com observações e entrevistas semi-estruturadas com as professoras regentes de classe (que encaminham as crianças) e as professoras atuantes no Projeto Letras e Livros, além de observações das reuniões de conselho de classe ao longo do ano letivo de 2006. Tanto o Projeto analisado quanto a escola que serviu como campo para a pesquisa foram escolhidos devido à boa estrutura e organização e aos bons resultados que vinham

							mostrando nos anos de 2002 a 2006. Os resultados apontaram para a confirmação de que, independentemente de um trabalho articulado e reflexivo por parte das professoras, ainda se culpabiliza a família e a pobreza de algumas crianças, numa maioria de meninos, pela sua dificuldade de aprendizagem. Porém, esta questão não se apresentou tão forte quanto a literatura acadêmica vem mostrando. Na escola pesquisada, os aspectos referentes à não adequação da criança a um ofício de aluno valorizado pelas professoras - este ofício de aluno é tomado aqui como um modelo da maneira como o aluno ou a aluna deve se comportar, agir e ser dentro das dinâmicas escolares, ou seja, o não ajuste de algumas crianças ao que é esperado delas no momento de se organizar, se concentrar na aula, se comportar diante dos colegas e da professora, etc., - pode fazer com que a criança seja percebida como um/a aluno/a com dificuldade de aprendizagem. Algumas dificuldades citadas pelas professoras, entretanto, são percebidas mais em meninos e outras em meninas, evidenciando que as construções sociais sobre o masculino e o feminino contam muito ao avaliar quem precisa ou não de apoio extra na aprendizagem escolar.
Marília Pinto de Carvalho	Quem são os meninos que fracassam na escola?	Relações de Gênero, Raça, Classe Social	Nada consta	Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo / Cadernos de Pesquisa	A  Educação	2004	Com o objetivo de conhecer as formas cotidianas de produção do fracasso escolar mais acentuado entre meninos nas séries iniciais do ensino fundamental, o artigo baseia-se em estudo desenvolvido entre 2002 e 2003 com o conjunto das crianças e professoras de 1ª a 4ª séries de uma escola pública do Município de São Paulo. Busca compreender os processos que têm conduzido um maior número de meninos do que meninas, e, dentre eles, uma maioria de meninos negros e/ou provenientes de famílias de baixa renda, a obter conceitos negativos e a ser indicados para atividades de recuperação. Conclui pela necessidade de discutir a cultura escolar como fonte importante na construção das identidades de meninos e meninas, seja na reprodução de estereótipos e discriminações de gênero, raça e classe, seja na construção de relações mais igualitárias.



Para complementar nossa pesquisa utilizamos como referencia a plataforma “Open Access Theses and Dissertations” (OATD)<sup>3</sup>, com os descritores: “*school failure and boys*”, cujo resultado foi de 12 produções distribuídas geograficamente em três continentes: americano, europeu e africano. O caráter descritivo e quantitativo do quadro no Apêndice A justifica-se apenas como uma estratégia para elencarmos as produções internacionais.

---

<sup>3</sup> Encontrada no link: <https://oatd.org/oatd/search?q=%22school+failure%22+and+%22boys%22&form=basic>.

## 7 DISCUSSÃO

Na produção acadêmica acerca das relações de gênero com o rendimento escolar a maior parte das investigações encontra-se atrelada ao eixo analítico das discriminações de classes sociais, permeada por elementos pertinentes a cultura do local, da renda familiar do/da educando/a e/ou sua descendência étnica.

Em primeiro lugar, é preciso esclarecer que gênero é um conceito social. A ideia de gênero surgiu com a luta pela igualdade social promovida pelas mulheres nas sociedades ocidentais, nas quais se pode notar claramente uma valorização do masculino, ou seja, há uma preponderância do que é masculino em detrimento do que é considerado feminino.

Ainda dentro da segunda proposta, utilizando os descritores já mencionados organizamos os quadros 15 ao 18. As pesquisas indicadas são produções brasileiras que constam no banco de dados da Scielo e foram selecionadas como as mais representativas para a discussão do tema fracasso escolar e meninos, a dissertação de Pereira (2008) e Penna (2008) e as teses de doutorado de Artes (2009) e Brito (2009). Demais autores como Senkevics (2015), Borges (2015), Nascimento (2013), Rodrigues (2009) e Carvalho 2004.

A produção de mestrado realizada por Fábio Hoffmann Pereira (2008), no quadro 15, teve como objetivo investigar se os motivos pelos quais meninos e meninas são encaminhados para a recuperação paralela seriam os mesmos ou se diferenciariam de acordo com o sexo do/da estudante.

<b>Quadro 14. Dissertação de Mestrado</b>	
<b>Autor/ Ano</b>	Fábio Hoffmann Pereira (2008)
<b>Título</b>	Encaminhamentos para a recuperação paralela: um olhar de gênero
<b>Resumo</b>	<p>Este trabalho apresenta os resultados da pesquisa que teve por objetivo analisar a percepção que as professoras têm de alunos e alunas encaminhados à recuperação paralela. O objetivo da pesquisa foi verificar se os motivos pelos quais meninos e meninas são encaminhados/as à recuperação paralela são semelhantes, ou se diferem de acordo com o sexo do/a estudante. A pesquisa baseou-se nos estudos sobre as relações de gênero e educação e em estudos sobre o fracasso e o sucesso escolar. As hipóteses iniciais eram de que os meninos seriam encaminhados por motivos não necessariamente ligados à sua real dificuldade de aprendizagem, seja por conta de indisciplina, seja por uma suposta culpabilização da família que não ajudaria o aluno nas tarefas escolares em casa, por exemplo. Já as meninas seriam encaminhadas por conta de dificuldades de aprendizagem geradas por timidez, apatia, deficiência mental, etc., ou seja, o motivo de encaminhamento das alunas seria por uma dificuldade intrínseca à menina, não havendo muita esperança de que a recuperação paralela contribuísse para que ela avançasse, já que sua dificuldade estaria atrelada a fatores psicointelectuais. A pesquisa de campo centrou-se em uma escola do Município do Embu que possuía um projeto de recuperação para alunos com dificuldades em leitura e escrita: o Projeto Letras e Livros e contou com observações e entrevistas semiestruturadas com as professoras regentes de classe (que encaminham as crianças) e as professoras atuantes no Projeto Letras e Livros, além de observações das reuniões de conselho de classe ao longo do ano letivo de 2006. Tanto o Projeto analisado quanto a escola que serviu como campo para a pesquisa foram escolhidos devido à boa estrutura e organização e aos bons resultados que vinham mostrando nos anos de 2002 a 2006. Os resultados apontaram para a confirmação de que, independentemente de um trabalho articulado e reflexivo por parte das professoras, ainda se culpabiliza a família e a pobreza de algumas crianças, numa maioria de meninos, pela sua dificuldade de aprendizagem. Porém, esta questão não se apresentou tão forte quanto a literatura acadêmica vem mostrando. Na escola pesquisada, os aspectos referentes à não adequação da criança a um ofício de aluno valorizado pelas professoras - este ofício de aluno é tomado aqui como um modelo da maneira como o aluno ou a aluna deve se comportar, agir e ser dentro das dinâmicas escolares, ou seja, o não ajuste de algumas crianças ao que é esperado delas no momento de se organizar, se concentrar na aula, se comportar diante dos colegas e da professora, etc., - pode fazer com que a criança seja percebida como um/a aluno/a com dificuldade de aprendizagem. Algumas dificuldades citadas pelas professoras, entretanto, são percebidas mais em meninos e outras em meninas, evidenciando que as construções sociais sobre o masculino e o feminino contam muito ao avaliar quem precisa ou não de apoio extra na aprendizagem escolar.</p>

Fonte: Organizado por Vargas (2017)

Os resultados indicaram que algumas dificuldades de aprendizagem são percebidas mais em meninos e outras, mais em meninas, evidenciando que construções sociais acerca do que é masculino e feminino direcionam a avaliação de quem precisa ou não de apoio extra na aprendizagem escolar. Podemos perceber que o trabalho de mestrado de Pereira (2008), corrobora com esta pesquisa no sentido de que as construções sociais de gênero influenciam os mecanismos intra-escolares de avaliação, reproduzindo as desigualdades sociais facilmente percebidas em nossa sociedade.

As investigações sobre o baixo desempenho ou fracasso escolar dos/das estudantes por motivos sociais são recorrentes no meio acadêmico, como podemos ver na pesquisa de Amélia Cristina Abreu Artes (2009), no quadro 16, que elaborou sua tese de doutorado sob a perspectiva do trabalho infantil como agente influenciador na trajetória escolar de meninos e meninas no Brasil.

<b>Quadro 15. Tese de Doutorado</b>	
<b>Autor/ Ano</b>	Amélia Cristina Abreu Artes (2009)
<b>Título</b>	O trabalho como fator determinante da defasagem escolar dos meninos no Brasil: mito ou realidade?
<b>Resumo</b>	<p>De acordo com relatórios publicados por renomadas agências multilaterais, as meninas devem ocupar um lugar prioritário nos investimentos educacionais com vistas à igualdade de gênero no mundo. Contudo, estudos brasileiros indicam que, no país, os meninos apresentam os piores indicadores educacionais. Esta tese parte da constatação e análise da incompatibilidade destas informações. As meninas apresentam piores indicadores de ingresso (matrícula) nas regiões mais pobres do mundo, em que o acesso à escola ainda é restrito para ambos os sexos. Esta situação está também estreitamente ligada a fatores culturais e étnicos. Porém em regiões em que o acesso é praticamente universalizado, caso do Brasil, os indicadores de percurso (defasagem idade-série, anos de escolaridade, etc.) apresentam um pior resultado para os meninos. Na literatura a respeito da temática, quando se ressaltam os piores indicadores para os meninos a principal justificativa aventada é a necessidade de trabalhar para gerar renda, mais presente no universo masculino. Esta tese tem por objetivo avaliar a influência do trabalho nas trajetórias escolares de meninos e meninas. A partir dos microdados da Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio PNAD 2006, desenvolve-se uma modelagem estatística visando explicar a defasagem idade - anos de estudo (faixa etária de 10 a 14 anos) a partir da variável sexo e considerando o fator trabalho como variável de controle. Outros fatores como: cor (branco ou negro); regionalização do país (diferenciado por IDH alto, médio ou baixo) e afazeres domésticos, atividade mais presente no universo feminino, foram considerados no modelo. Os resultados indicam que o trabalho prejudica o percurso escolar de forma mais intensa para os meninos e os afazeres domésticos de forma mais sutil para as meninas, com resultados piores para os negros de ambos os sexos. As análises permitem concluir que o trabalho não pode ser considerado o principal responsável pela maior defasagem entre idade e anos de estudo dos rapazes de 10 a 14 anos no Brasil, pois de cada dez meninos apenas um trabalha e cinco estão defasados. Assim, para se compreender os diferentes percursos escolares de meninos e meninas é preciso investigar outros fatores, especialmente os internos ao funcionamento das escolas.</p>

Fonte: Tabela feita pela autora

O curso de sua tese destacou que a defasagem escolar costuma ser justificada, pelos meninos, pela necessidade de gerar renda para a família, uma expectativa mais presente no âmbito masculino. As meninas, por sua vez, indicam o trabalho doméstico, muito mais presente no universo feminino, como um dos responsáveis por sua defasagem escolar. No entanto, esses argumentos são insuficientes para indicar a defasagem da faixa etária ou a evasão escolar. A autora aponta a necessidade de investigação no funcionamento interno da escola para a compreensão destes resultados.

A busca por compreender como o rendimento escolar relaciona-se com as práticas escolares sob a perspectiva dos gêneros fez com que Patrícia Martins Penna (2008), no quadro 17, também pesquisasse sobre o assunto em sua dissertação de mestrado. Seu objetivo foi compreender como as estratégias de visibilidade e invisibilidade dos/das estudantes frente ao professor (a) marcam suas trajetórias escolares.

<b>Quadro 16. Dissertação de Mestrado</b>	
<b>Autor/ Ano</b>	Patrícia Martins Penna (2008)
<b>Título</b>	Cenas do Cotidiano escolar, visibilidades e invisibilidades
<b>Resumo</b>	O objetivo desta pesquisa é compreender como alunos constroem ativamente estratégias de visibilidades e invisibilidades no cotidiano de sala de aula frente ao olhar do professor, buscando entender como essas estratégias marcam suas trajetórias escolares e quais sentidos representam no torna-se aluno. Para tanto, foi importante um olhar mais atento às práticas escolares, nitidamente marcadas por gênero e raça, e aos seus efeitos no rendimento escolar. A pesquisa com enfoque etnográfico foi realizada em uma escola pública do Município de São Paulo e contou com observações do espaço escolar, tendo como foco uma sala de aula de quarto ano do ensino fundamental, e entrevistas semiestruturadas com professora e alunos da turma investigada. Da forma implícita, esse estudo vincula estratégias de visibilidade ou não a desempenho escolar e, portanto, traz questionamentos acerca da afetiva aquisição de conhecimento.

Fonte: Tabela feita pela autora

Foi constatado que a indisciplina é entendida na escola como uma forma de expressão necessária da masculinidade, cuja finalidade seria a construção de independência e autonomia. Esse comportamento é, em regra, associado aos

meninos. Contudo, meninas que se valem desse comportamento como forma de expressão, são tidas por algumas professoras como uma forma de afronta pessoal.

Esse entrelaçamento de contextos demonstra que o exercício da masculinidade e da feminilidade na escola são estigmatizadas, ou seja, há comportamentos que são reforçados e acentuados na escola: o comportamento rebelde é mais aceito quando expressado por meninos e, das meninas, criou-se a expectativa de condutas passivas e obedientes.

A colaboração da tese de doutorado de Rosemeire dos Santos Brito (2009), no quadro 18, discute os símbolos culturais que estruturam e fundamentam as masculinidades em relação com o rendimento escolar de jovens rapazes estudantes do projeto EJA. Valeu-se de entrevistas que revelaram que os jovens compartilham significados de gêneros condizentes com o que esperavam ser o modelo hegemônico de masculinidade nas escolas. O modelo de masculinidade possui forte caráter normativo e repercute em todo o percurso escolar do estudante através de práticas linguísticas e corporais pertinentes ao universo masculino: ao perceberem-se capazes de causar problemas, e utilizar da força, se assim considerarem necessário, entre outras condutas associadas a masculinidade.

<b>Quadro 17. Tese de Doutorado</b>	
<b>Autor/ Ano</b>	Rosemeire dos Santos Brito (2009)
<b>Título</b>	Masculinidades, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens na educação de jovens e adultos em uma escola pública municipal de São Paulo
<b>Resumo</b>	<p>Nesta tese, busca-se uma reflexão sobre a dimensão simbólica dos conteúdos de gênero existentes em narrativas de jovens rapazes estudantes de um projeto de EJA da rede municipal da cidade de São Paulo, o chamado projeto CIEJA. A coleta de dados foi realizada em uma das unidades do referido projeto e o problema do estudo foi construído a partir da percepção da recente concentração de jovens rapazes, negros e pobres, na educação de jovens e adultos. Assim sendo, procurou-se verificar e investigar as possíveis relações entre masculinidades, raça e rendimento escolar, tendo por base os relatos dos jovens sobre as experiências escolares vividas antes e após seu ingresso no CIEJA. A proposta metodológica presente nessa investigação considera que relatos narrativos são portadores de reflexões que dotam de sentido as ações individuais, de tal forma que ao tomar em consideração as histórias contadas sobre a escolarização é possível ter acesso aos símbolos culturais que estruturam e fundamentam as masculinidades em sua relação com o rendimento escolar. Foram realizadas entrevistas com jovens, uma entrevista em grupo com o corpo docente da unidade do CIEJA e outra com a equipe técnica responsável pela gestão e orientação pedagógica da escola. A análise dos dados revela que os jovens compartilham significados de gênero condizentes com o que esperavam ser o modelo hegemônico de masculinidade nas escolas. A hegemonia e o caráter normativo dessa forma de identidade de gênero masculina foram mantidos ao longo de seus percursos escolares, através de práticas linguísticas e corporais que lhes possibilitavam perceberem-se fortes, capazes de causar problemas e bem sucedidos em práticas esportivas associadas ao universo masculino, como o futebol. Desta forma, a medida do sucesso escolar, para esses jovens, está vinculada ao êxito das estratégias adotadas para preservar no espaço escolar os símbolos de gênero que estruturam o modo como entendem o que significa ser homem. O estudo constata também que jovens negros, embora estabeleçam relações de cumplicidade com o modelo hegemônico, compartilham uma masculinidade marginalizada, em função das contradições envolvidas em sua corporalidade, enquanto símbolo e fonte de expressão de masculinidade. Conclui-se que o projeto CIEJA procura resgatar a condição de sujeitos desses alunos, criando um espaço educacional diferenciado. Todavia, os significados do modelo hegemônico que esses jovens compartilharam, ao longo do ensino fundamental regular, permanecem incólumes durante sua trajetória no CIEJA, apontando assim outras possibilidades de reflexão para a compreensão e intervenção pedagógica junto a esses jovens.</p>

Fonte: Tabela feita pela autora



A investigação de Brito (2009) trouxe à luz as ideias defendidas por esse trabalho, ou seja, que as diferenças de comportamento esperado pelo menino/homem e pela menina/mulher não são naturais, são aprendidas, construídas e cristalizadas através das gerações em nossa sociedade. Há uma reprodução de valores e papéis sociais tradicionalmente consagrados em nossa sociedade, seja na família, no trabalho e também, na escola.

A compreensão do papel da escola na construção das masculinidades e das feminilidades entre alunos e alunas está longe de alcançar a plenitude. Entretanto, quanto mais estudos se desenvolvem sobre esse tema, maiores parecem os desafios e as necessidades de investigação sobre gênero e educação.

Assim, Adriano Souza Senkevics (2015) desenvolveu uma dissertação de mestrado pautada nessa temática. O autor teve por objetivo apreender como meninos e meninas percebem e ressignificam a postura de suas famílias frente às diferenças e as semelhanças de gênero e explorar as desigualdades na educação escolar que surgem face as construções de masculinidades e feminilidades no âmbito escolar. O pesquisador chegou a resultados semelhantes aos que a nossa pesquisa procura demonstrar, que a construção da feminilidade regula-se por valores como responsabilidade, organização e iniciativa, qualidades condizentes com as demandas escolares. Sendo assim, verifica-se que o cenário sexista sobre o qual se assenta a socialização familiar estimula um desempenho escolar mais positivo para as meninas.

Borges (2015) desenvolveu seu trabalho de mestrado sob a hipótese de construção de um caminho para promover relações sociais infantis que não sigam padrões binários sexuais rígidos, que são predominantes na sociedade e na maioria das escolas contemporâneas. Os resultados apontaram para uma pouca permeabilidade nas relações simbólicas e práticas de gênero entre os/as estudantes que não impediram uma edificação de um ambiente aberto a novas construções e ressignificações, aberto a novas formas de se pensar, assim como abertura do espaço educacional para a comunidade, fatores que podem motivar uma nova forma de lidar com o conhecimento e, conseqüentemente, a desconstruir concepções que causam desigualdades sociais. O presente trabalho de mestrado verificou por meio de estudo bibliográfico que transformar a sociedade através da construção de uma escola que não reproduza os alicerces da desigualdade entre o masculino e o feminino, requer o compromisso de todos de dentro e fora da escola, enfim, todos da

sociedade, porque há uma conduta arraigada em nosso modo de agir e de pensar que fomenta as desigualdades.

A busca por compreender como as relações de gênero pode contribuir para o rendimento escolar do/da estudante também intrigou Fabio Hoffmann Pereira (2015) em sua tese de doutorado, a qual tem por objetivo discutir em quais aspectos a configuração do ofício de aluno é semelhante ou diferente para meninos e meninas. Por meio de suas análises foi observado que, em relação ao gênero, as meninas mostram-se mais competitivas entre si em cumprir seu ofício de aluno com um maior esforço, de modo a corresponder à escola como aquela aluna que possui boa compreensão do que é ensinado. Entretanto, os alunos conseguiam equilibrar de maneira mais satisfatória os aspectos da conversa e bagunça com a apresentação das tarefas e aprendizado aceitável. Os resultados de Pereira (2015) validam o presente mestrado no diz respeito à conduta sobre meninos e menina na sala de aula de acordo com as características socioculturais contemporâneas.

O baixo rendimento escolar é um fenômeno socialmente produzido, portanto, refletir sobre seus mecanismos, principalmente àqueles que produzem as queixas escolares sobre meninos que os levam ao encaminhamento psicológico, intriga muitos pesquisadores. Ana Paula Rodrigues do Nascimento (2013) investigou a esse respeito e foi com base nisso que sustentou sua dissertação de mestrado. O estudo do *corpus* documental levantado por Nascimento (2013) confirma alguns dados já apresentados: há a apreensão de alguns aspectos que colaboram para a predominância de meninos com queixas escolares em face de concepções que naturalizam os processos de desenvolvimento desses meninos, levando-se em conta a temática proposta no contexto histórico-cultural das relações de gênero na sociedade.

As estatísticas comprovam a afirmação de que meninos reprovam mais que meninas. Cíntia Aparecida Garcia Rodrigues (2009) diante desse fato investigou se O fracasso escolar estaria associado ao sexo dos alunos? Em busca de respostas, elaborou sua dissertação de mestrado sobre essa temática. Mais uma vez, encontramos harmonia entre o trabalho de Rodrigues (2009) e este em avaliação: para ser um bom aluno há que se apresentar um conjunto de qualidades do que se diz ser feminino, ou seja, obediência, passividade, esmero e bom comportamento, o que prejudica os meninos que não apresentam estas características.

Marília Pinto de Carvalho (2004) em seu artigo sobre seu estudo realizado em busca da compreensão dos processos que têm conduzido um número maior de meninos em sua maioria negra e/ou provenientes de baixa renda para as atividades de recuperação. Carvalho (2004) aponta a necessidade de uma discussão sobre a cultura escolar como fonte de construção das identidades de meninos e meninas.

Neste presente trabalho de mestrado, por muitas vezes, citamos que há uma reprodução de valores e papéis sociais tradicionalmente consagrados em nossa sociedade, seja na família, no trabalho, ou mesmo, na escola. Percebemos em nosso estudo também a necessidade de uma discussão da cultura escolar, assim como aponta o estudo de Carvalho (2004), para construção de uma sociedade menos preconceituosa e discriminadora. Vemos a escola como um lugar mais adequado para fomentar mudanças sociais que possibilite a construção de nova sociedade.

É realmente intrigante a busca por desvendar como o processo de masculinidade de jovens homens, do ensino médio, influencia ou interfere no fracasso escolar. Sobre esse tema Fernanda Ribeiro Pinto Rodriguez (2014) baseou sua dissertação de mestrado. Ao final de sua pesquisa, Rodriguez (2014) concluiu que a questão da masculinidade influencia a evasão escolar, em virtude da independência, responsabilidade e resistência ao modelo adotado na escola atual.

Pretendemos contribuir para o aprimoramento e enriquecimento da temática fracasso escolar de meninos em várias etapas dos ciclos escolares. Nosso propósito foi o da colaboração aos professores pesquisadores interessados em aprimorar seu conhecimento.

## **7.1 Reflexão sobre o professor pesquisador**

### **7.1.1 O professor pesquisador**

A sociedade do século XXI já não comporta uma escola pensada e voltada para o início da era da industrialização. Vivemos na era digital, onde o mundo é globalizado e por isso sofre frequentes construções e desconstruções de valores o que tornam as mudanças necessárias. A escola precisa ser redimensionada e reinventada.

Preocupações com a melhor qualificação da formação de professores e com suas condições de exercício profissional não são recentes. Porém, atualmente, crescem as preocupações diante o quadro de desigualdades socioculturais que vivemos e ante os desafios que o futuro próximo parece nos colocar. A formação dos professores é uma das principais ações em direção a essa nova realidade, pois uma ação docente com base na reprodução do conhecimento não tem mais sentido em um mundo conectado pela rede de computadores onde a informação está disponível a todos que a ela acessam.

Podemos facilmente concluir que ser professor, na atualidade, é uma atividade complexa pois há que se dar conta de outros saberes; saberes estes voltados ao uso da tecnologia. A complexidade social participa desse amplo espectro de conhecimento do qual cabe ao professor da era digital, fato esse que o antigo professor não precisava dar conta. Nos dias de hoje, a escola recebe os mais variados grupos sociais e nesse contexto, cabe ao professor transitar por esses mundos de forma imparcial e justa.

É verdade que o professor tem entre várias funções, a busca por melhorias e avanços em seu campo de atuação. Para Nóvoa (2001), em entrevista concedida a Paola Gentile e ao canal educativo Salto para o Futuro, o professor na atualidade tem que lidar não apenas com alguns saberes, como era no passado, mas também com a tecnologia e com a complexidade social que não existia anteriormente.

Os avanços da tecnologia foram muito além dos avanços sociais. Na verdade, a sociedade acompanha esse processo de forma truncada, pois não possui muita clareza sobre qual a educação que ela deve cobrar da escola face o amanhecer da era digital.

O autor Nóvoa continua esclarecendo na entrevista concedida a um site de educação, sobre o descompasso entre os avanços tecnológicos e as mudanças sociais quando afirma:

Esta complexidade acentua-se, ainda, pelo fato de a própria sociedade ter, por vezes, dificuldade em saber para que ela quer essa escola. A escola foi um fator de produção de uma cidadania nacional, foi um fator de promoção social durante muito tempo e agora deixou de ser. E a própria sociedade tem, por vezes, dificuldade de ter uma clareza, uma coerência sobre quais devem ser os objetivos da escola. (NÓVOA, 2001, p.1)

Essa nova situação que se apresenta em âmbito mundial deixa o professor um estado de angústia e incerteza de como exercer cabalmente sua ação docente, dada a complexidade exigida de sua função.

Ao tomarmos o conceito de competência como um desafio de promover conhecimentos próprios articuladamente com cada disciplina presente no currículo, dentre outras vertentes deste tão amplo conceito, percebemos que o professor da era digital precisa desenvolver duas competências básicas, a competência da organização e a competência relacionada a compreensão do conhecimento, sob o olhar de Nóvoa (2001, p. 2).

Assim, cabe a competência da organização fazer do atual professor muito mais que um mero transmissor de conhecimento, além de fazer com que ele derrube as paredes da sala de aula, desfrutando ao máximo novos espaços de aprendizagem. Dessa forma, o professor hodierno deve ser um organizador de aprendizagens, especificamente daquelas que se dá via os novos meios informáticos. E, a competência relacionada a compreensão do conhecimento é autoexplicativa. Ou seja, o professor deve ter a habilidade ir além do óbvio, transportando o conhecimento a um novo nível de entendimento, reelaborando o sentido da matéria estudada da sua transposição didática, aprimorando sua capacidade de ensinar a um grupo.

Uma das mais eficientes formas do professor valorizar o seu trabalho é aproximar-se da pesquisa, portanto a formação docente é complexa e deve possibilitar o desenvolvimento de diferentes conhecimentos e habilidades, entre os quais a de ser um professor pesquisador. Tal conduta é uma forma de promover o desenvolvimento profissional do professor e ao mesmo tempo dele assumir seu papel como transformador social.

A reflexão é inerente à prática docente, pois sem ela não há ação docente, ou seja, não se atinge o fim da ação que é ensinar. Muito se fala sobre o professor reflexivo, aquele que reflete a sua prática, porém o que se busca ao elevarmos esse conceito ao nível acadêmico é identificar essas práticas reflexivas e dar condições ao professor de desenvolver-se qualitativamente por meio delas.

Sob essa ótica, podemos dizer que professor reflexivo e professor pesquisador são maneiras diferentes de tratar o mesmo conceito pedagógico.

Entretanto, na literatura pedagógica, podemos encontrar diferentes modos de abordagem desses conceitos, como nos lembra Nóvoa (2001):

É evidente que podemos encontrar dezenas de textos para explicar a diferença entre esses conceitos, mas creio que, no fundo, eles fazem parte de um mesmo movimento de preocupação com o professor, que é um professor indagador, que é um professor que assume sua própria realidade escolar como um objeto de pesquisa, como um objeto de reflexão, como um objeto de análise. (NÓVOA, 2001, p.4)

A preocupação em formar o professor reflexivo e pesquisador é essencial para que ele deixe de ser um reproduzidor de práticas convencionais que são internalizadas pela força da tradição e passe a ser produtor de conhecimento e autor de sua ação educativa.

Vale ressaltar que, a experiência por ela mesma não é mera formadora. Nóvoa (2001), em sua entrevista, cita John Dewey para ilustrar essa ideia.

John Dewey, pedagogo americano e sociólogo do princípio do século, dizia: “quando se afirma que um professor tem 10 anos de experiência, dá pra dizer 10 anos experiência ou que ele tem 1 ano de experiência repetido 10 vezes”.(...) Experiência por si só, pode ser uma mera repetição, uma mera rotina, não é ela que é formadora. Formadora é a reflexão sobre essa experiência, ou a pesquisa sobre essa experiência. (DEWEY apud NÓVOA, 2001, p.4)

Essa dissertação de mestrado tem seu olhar voltado para as questões de gênero e suas implicações no rendimento escolar dos estudantes. Entendemos que alunos e alunas, ao longo de sua vida escolar, reagem às aprendizagens sobre as relações de gênero propostos nos processos educacionais. Dessa forma, há a possibilidade de transformação da realidade por meio de resistência às relações de gêneros tradicionalmente impostas. Esse trabalho defende a proposta de um trabalho sistemático e reflexivo de uma vivência de aproximação, sem oposição e polaridade entre o feminino e o masculino de modo a não acentuar as desiguais relações de gênero e garantir uma coexistência de meninos e meninas de forma ampla e justa.

Os princípios da coeducação, uma educação democrática e igualitária entre meninos e meninas, precisam ser repensados, para tanto a formação do professor pesquisador é o caminho que tem sido apresentada como uma das possibilidades de formação para o magistério.

Nesta pesquisa, o capítulo intitulado Relações de Gênero e desempenho escolar: pesquisas realizadas entre 2008-2016 foi desenvolvido para colaborar na construção do conhecimento e promover a quebra de paradigmas existentes na escola quanto ao fracasso escolar, especialmente direcionado aos meninos. Os resumos dos trabalhos mostram que o fracasso escolar no sexo masculino permeia várias etapas dos ciclos de aprendizagem que são, entre outros aspectos, resultados de processos socioculturais. Além das pesquisas nacionais, há também a possibilidade de consultar as referências internacionais sobre o tema fracasso escolar entre meninos no Apêndice I.

Corroborando com Nóvoa quando afirma a necessidade da adaptação à era digital o capítulo das pesquisas bibliográficas apresenta quinze títulos que estão disponíveis nos sites de busca acadêmica.

Estas pesquisas e as que promovem a coeducação são importantes para levarem os professores, gestores e funcionários do ambiente escolar a um processo de mudança na forma de pensar a educação.

Dessa forma, apresentamos uma Diretriz Curricular para Aplicação da Coeducação para profissionais da Educação que estejam desejosos de uma nova sociedade, na qual a coeducação possa ser aplicada.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um período onde as discussões de gênero tornam-se tão comuns nas redes sociais pretendemos com esta pesquisa trazer uma proposta de reflexão sobre o assunto gênero e fracasso escolar como forma de colaboração ao contexto acadêmico. Nosso objetivo com os resultados discutidos foi o de promover ao professor pesquisador propostas de leituras que conduzam a uma reflexão sobre o tema desta dissertação: o fracasso escolar e a coeducação junto a questão do gênero, sobretudo, enfocando o sexo masculino, motivo de maior estatística nas pesquisas elencadas.

A organização sistematizada por descritores e temporalidades definidas foram procedimentos metodológicos adotados para que os profissionais da educação organizem suas leituras e, quando possível, apliquem nos ambientes escolares.

Orientar a forma correta da construção do conceito de gênero na escola é fundamental para facilitar a compreensão da coeducação e, através de várias estratégias discutidas no primeiro capítulo desta dissertação, minimizar o fracasso escolar. Este conceito trabalhado por Auad (2006) contribuiu para sustentarmos nossa proposta conceitual e apresentar ao professor pesquisador na escola como aplica-la em sua rotina profissional. Para isto, o produto desta dissertação apresenta dinâmicas que poderão colaborar na formação dos professores.

Os profissionais poderão consultar além de Daniela Auad outros pesquisadores mencionados no capítulo Relações entre a questão de gênero na escola e o desempenho escolar: discutindo a coeducação, a saber: Almeida (1998), Finco e Vianna (2008), Farah (2004), Pedro (2005) quando discutem a construção sociocultural do conceito de gênero. Ainda neste mesmo capítulo outro conceito, o de coeducação, colabora na compreensão de expressões que são muito utilizadas na mídia e discurso do senso comum, sem a devida definição: igualdade, desigualdade e diferença. A desigualdade é crime, portanto precisamos ensinar aos nossos professores e alunos que a construção desigual na sociedade é fruto de ações políticas e sociais e não uma consequência pontual ou casual. Faz parte de um processo, como forma de desenvolvimento de uma construção social.



Para a adequação do termo coeducação os autores selecionados trazem definições que primam pela importância da educação igualitária na escola, aquela que desperta a necessidade do pensar coletivo, com direitos de agir garantidos para ambos os sexos. As autoras que discutem a coeducação destacam a escola como o espaço mais adequado para a mudança de paradigma que busca saídas mais justas para o desenvolvimento da cidadania. Ainda com o propósito de aprimorar a discussão sobre a coeducação construiu-se uma breve linha do tempo sobre a história das unidades escolares mistas que apresentam sua origem no exterior e sua implantação no país. Conclui-se que, por questões políticas, este modelo de construção escolar foi resultado de um momento histórico promovido pela escolanovista e que atendia a propostas econômicas e não de diminuição da desigualdade de direitos entre homens e mulheres. Além desta abordagem, indicamos a reflexão sobre um modelo (do qual não concordamos) que é o da retomada de escolas separatistas. Este modelo é aplicado em várias escolas no país mostrando um retrocesso na forma de conduzir o ensino.

Foi desenvolvido também uma proposta de indicação de leituras aos professores que, seja por curiosidade ou mote de pesquisa, se interessem pelo tema fracasso escolar. A grande maioria dos trabalhos investigados mostra resultados que levam a reconhecer que junto aos meninos a estatística quanto ao fracasso sempre é maior. Por este motivo, os descritores utilizados na pesquisa mostraram a necessidade de apontar indicação de leituras entre fracasso escolar, faixa etária, meninos. Aproveitamos para indicar leituras de trabalhos realizados no exterior, especialmente em três continentes e que podem colaborar no aprimoramento sobre este assunto junto às unidades escolares, seus gestores, professores e funcionários. Este capítulo possui uma divisão de dois segmentos de amostras de dados, os quantitativos e os que descrevem quinze trabalhos considerados representativos para nossa pesquisa. A análise quantitativa pode ser um facilitador ao professor pesquisador que pretende se aprimorar nos bancos de dados nacionais. Quanto a segunda análise, foram organizados dados em quadros que mostram teses de doutorados, dissertações de mestrado e artigos científicos que destacam o tema fracasso escolar entre meninos e meninas e como esta proposta merece continuidade de investigação.

Vale salientar que a faixa etária e os ciclos escolares de aprendizagem não foram determinantes para a organização dos resultados. Pelo contrário. A

organização dos dados mostrou-se bem ampla para que o professor possa se apropriar desta temática em diferentes períodos da escolarização. Além disso, os estudos de caso apontados nos resumos dos quadros de produções nacionais e internacionais apontam pesquisas de diferentes estados brasileiros e países de três continentes com resultados díspares. As referências internacionais podem gerar pesquisas de comparação entre os resultados, conforme o mote a ser investigado.

Indicamos ao professor pesquisador, além da pesquisa bibliográfica, um produto para ser aplicado nas reuniões pedagógicas que ocorrem em todas as unidades escolares.

Sugerimos que os Projetos Políticos Pedagógicos das unidades de ensino interessadas na formação do professor pesquisador indiquem leituras e, através das dinâmicas sugeridas neste produto, promovam ao corpo docente a reflexão sobre dois conceitos discutidos nesta pesquisa: a coeducação e o fracasso escolar.

Recomendamos que novas pesquisas sejam desenvolvidas e aplicadas com outras metodologias para que a coeducação se faça presente nas unidades escolares em várias escalas geográficas.

**UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS  
PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**CRISTIANE GIUSTI VARGAS**

**PLANO DE AÇÃO PARA IMPLEMENTAÇÃO DA COEDUCAÇÃO  
PARA PROFISSIONAIS DO MAGISTÉRIO**

**SANTOS  
2017**

## INTRODUÇÃO

Apresentamos essas orientações como produto final da pesquisa realizada durante o Mestrado Profissional em Práticas Docentes no Ensino Fundamental da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), a respeito da coeducação e o fracasso escolar entre meninos e meninas.

Com referência às observações e reflexões sobre prática pedagógica exercida pelos profissionais de Educação podemos verificar que reproduzem as desigualdades de gênero presentes na sociedade. Esse estudo deixou claro que o presente modelo de escola reproduz as injustiças e desigualdades sociais encontradas fora dela. Entretanto, também foi apontado a escola mista como um recurso propício e favorável para o desenvolvimento de práticas as quais repercutem em oportunidades igualitárias para todos.

Em busca dessas práticas sociais adequadas em uma sociedade democrática, nos perguntamos, por quais motivos ocorrem a desigualdade e injustiça reproduzidas nas práticas escolares em nossa sociedade? Auad (2006, p. 78) nos aponta que : “esse trabalho de conformação tem início na família e encontra eco e reforço na escola”.

Um primeiro ponto essencial é a compreensão exata do termo coeducação, também discutido por Auad (2006). Embora escola mista e coeducação sejam colocadas como termos sinônimos, eles, definitivamente, não o são. Pois, não basta que meninos e meninas frequentem a mesma escola para que a coeducação ocorra. Na verdade, a escola mista serve como um dos recursos necessários para que a coeducação seja eficazmente implementada e vivenciada de forma a desenvolver a igualdade. A convivência de meninos e meninas num mesmo ambiente escolar não é suficiente para que se findem as desigualdades entre os gêneros.

A concepção de gênero se constrói ao longo da história e cultura da sociedade. Gênero é uma construção social a partir de definições de valores morais de uma sociedade em determinada época, estabelecendo padrões normativos de comportamento aceitável e considerado adequado para sexos diferentes, induzindo comportamentos a partir de uma educação diferenciada para meninos e meninas.

É por isso que se faz necessário ter um olhar diferenciado, que encoraje meninos e meninas a serem crianças plenas, que possam brincar de todas as brincadeiras sem discriminação, realizarem todas as atividades sem que sofram diferenciação, seja ela direta ou indiretamente.

Esse material consiste basicamente na realização de oficinas temáticas as quais desvelam as desigualdades presentes no cotidiano escolar entre os discentes. Por meio de oficinas pretendemos sensibilizar e conscientizar profissionais de educação sobre essas questões, a fim de repensarem suas condutas e práticas pedagógicas que reforçam as desigualdades sociais relacionadas ao gênero.

Além da reflexão sobre a coeducação estaremos incentivando e sugerindo que o professor pesquisador aperfeiçoe suas leituras através da indicação da leitura de teses, dissertações e artigos na dissertação “Contribuição ao professor pesquisador: pesquisas bibliográficas referentes ao fracasso escolar”. As leituras sugeridas pelo método de pesquisas bibliográfica do referido mestrado são importantes recursos que levam a reflexão e mudança de paradigmas.

## **JUSTIFICATIVA**

O mestrado intitulado “Contribuição ao professor pesquisador: pesquisas bibliográficas referentes ao fracasso escolar” justifica a relevância profissional para a execução desse plano de ação.

Além deste material outras dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos que discutem o fracasso escolar dos meninos colaboram para que se repense e transforme este paradigma.

## **OBJETIVO**

A base das atividades desse plano de ação consiste em questionar os estereótipos masculinos e femininos que promovem a falta de equidade que afetam o desenvolvimento pleno do estudante, para uma convivência harmoniosa numa sociedade democrática e inclusiva. Para tanto, recorreremos aos princípios que norteiam a coeducação.

## **METODOLOGIA A SER APLICADA NOS ENCONTROS**

A abordagem metodológica desse Plano de Ação utiliza-se de quatro encontros (ou mais, conforme a necessidade da unidade escolar), durante os HTPCs, horários de trabalho pedagógico compartilhado, que visam conscientizar os participantes:

- Conhecer e reconhecer o conceito de gênero como uma construção social ao longo da história;
- Orientar sobre as ações reprodutoras de desigualdade de gênero presentes na escola e nas ações dos profissionais de educação;
- Apresentar a concepção da coeducação como uma forma inovadora de trabalho que respeita a pessoa como indivíduo que tem presente em si o masculino e o feminino;
- Instrumentar os profissionais de educação com recursos que possibilitem um novo olhar e uma nova conduta coeducativa.

Os encontros propostos consistem em uma breve explanação sobre o tema envolvido, uma dinâmica com o fim de sensibilizar e conscientizar os participantes e o uso de mídia.

## PRODUTO DESENVOLVIDO

### PLANO DE AÇÃO: motivação de educadores a favor da coeducação

<b>1º Módulo</b>	A construção do conceito de gênero ao longo da história e nos dias atuais
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Objetivos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Explicar sobre a história da construção do conceito de gênero;</li> <li>• Conhecer a diferença entre gênero e sexo;</li> <li>• Apresentar a edição do vídeo “Era uma vez outra Maria” – Parte 1, como forma de ilustrar reproduções desiguais face o gênero;</li> <li>• Problematizar como as relações sociais são construídas de forma a reproduzir desigualdades.</li> </ul>

#### **1º Momento: A construção da concepção do gênero.**

**Duração:** 20 minutos

**Objetivo:** Conhecer a construção do conceito de gênero ao longo da história e suas repercussões na atualidade através de palestras sobre o tema

#### **2º Momento: Apresentação de vídeo.**

**Duração:** 10 minutos

**Objetivo:** Dar clareza aos participantes da oficina sobre comportamentos arraigados de reprodução de desigualdades devido ao gênero. Desenvolvimento da atividade: Apresentação da edição primeira parte do filme educativo, produzido pelo Grupo pela Vida – São Paulo. “Era uma vez outra Maria” – parte 1.

O vídeo é um desenho animado mudo, que mostra experiências cotidianas vivenciadas por meninas e mulheres, e meninos e homens. O filme narra a história da menina Maria, que entre as lembranças da infância e os sonhos para o futuro, percebe que meninas são criadas de maneira diferente dos meninos, e compreende que essa criação influencia seus desejos, comportamentos e atitudes.

**Figura 3. Cena do filme: “Era uma vez outra Maria”**



Fonte do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=6MEHILL1EZg&t=538s>

**3º Momento: Discussão.**

**Duração:** 25 minutos

**Objetivo:** Discutir a questão de gênero mostrando que os comportamentos são aprendidos nos grupos sociais, como família e escola, seguem um padrão de comportamento na sociedade ao longo da história

**Desenvolvimento da atividade:** Promover discussão dos elementos do vídeo “Era uma vez outra Maria”:

- O que chama atenção no vídeo?
- Vocês se reconhecem no vídeo? Em quais momentos?
- Quais características nos personagens denotam a desigualdade por conta do gênero?
- Como já se deu a conhecer a construção do conceito de gênero e suas implicações no nosso cotidiano, vocês conseguem tomar atitudes que visem minimizar essa desigualdade?



**4º Momento:** Fechamento

**Duração:** 5 minutos

**Objetivo:** Encerrar o encontro de forma harmoniosa, após a discussão do tema.

**Desenvolvimento da atividade:** Formar uma roda. O facilitador solicitará que cada participante descreva sua percepção e o reconhecimento de atitudes rotineiras que fortalecem a desigualdade entre diferentes gêneros.

<b>2º Módulo</b>	Gênero: Igualdade ou Diferença?
<b>Duração</b>	60 minutos
<b>Objetivos</b>	Debater consciência das ações reprodutoras de desigualdade de gênero presentes na escola e nas ações dos profissionais de educação;

**1º Momento: Provocação.**

**Duração:** 30 minutos

**Objetivo:** Provocar o grupo, de forma criativa, gerando sentimentos de constrangimento em decorrência de situações reais de desigualdade que revelem a prevalência do masculino sobre o feminino.

**Desenvolvimento da atividade:** Dividir os participantes em grupo e oferecer um recorte da realidade que exemplifica as desigualdades em decorrência da diferenciação do gênero presentes na sociedade e na escola.

**Figura 4. Coisas de meninos e coisas de meninas**



*Fonte:*

[www.google.com.br/search?q=Coisas+de+meninos++coisas+de+meninas&esqv=2&source=lms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjUqoKDXKvTAhXFf5AKHb6kBrkQ\\_AUIBygC&biw=1280&bih=918#imgsrc=lefuYjRKw5qNVM](http://www.google.com.br/search?q=Coisas+de+meninos++coisas+de+meninas&esqv=2&source=lms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjUqoKDXKvTAhXFf5AKHb6kBrkQ_AUIBygC&biw=1280&bih=918#imgsrc=lefuYjRKw5qNVM)

## **2º Momento: Debate**

**Duração:** 15 minutos

**Objetivo:** Expor os sentimentos dos participantes face as situações de desigualdade apresentadas por conta da diferenciação existente em razão do gênero.

**Desenvolvimento da atividade:** Utilizar um papel pardo ou lousa onde se pode anotar as impressões dos participantes em relação ao desenvolvimento do 1º momento desta oficina.

## **3º Momento: Reflexão e Fechamento**

**Duração:** 15 minutos

**Objetivo:** Levar os participantes a reflexão sobre que escola estamos construindo e quais as suas repercussões na escola e fora dela.

**Desenvolvimento da atividade:** Utilizar os sentimentos e impressões anotados no papel pardo para refletir sobre o papel da escola na construção da sociedade.

<b>3º Módulo</b>	Coeducação: por uma escola mais justa e democrática
<b>Duração</b>	60 minutos (sugestão de no mínimo três encontros)
<b>Objetivos</b>	Dar a conhecer a proposta da coeducação como uma decisão que influencia as práticas educativas e reverbera para além da aprendizagem de conteúdos.

### **1º Momento: Coeducação, como assim?**

**Duração:** 25 minutos

**Objetivo:** Explicar o conceito de coeducação.

**Desenvolvimento da atividade:** apresentar a fundamentação teórica e a discussão através de dinâmicas.

### **2º Momento: Debate**

**Duração:** 25 minutos

**Objetivo:** Clarear aos participantes sobre a proposta coeducativa e tirar-lhes as dúvidas quanto ao tema.

**Desenvolvimento da atividade:** Sentados em círculo, debater, com os participantes, sobre a proposta coeducativa e sua influência na aprendizagem, além da conquista de um bom ambiente escolar, livre de desigualdades.

### **3º Momento: Fechamento**

**Duração:** 10 minutos

**Objetivo:** Encerramento do debate.

### **4º Encontro: Mudando paradigmas**

**Duração:** 60 minutos (sugestão de quatro encontros)

**Objetivo:** Apropriar os participantes de práticas coeducativas na escola. Construir um planeamento que apresente práticas educativas e avaliativas.

### **1º Momento: Dramatização**

**Duração:** 25 minutos

**Objetivo:** Reconhecimento de práticas educativas implícitas e explícitas que fortalecem as desigualdades em relação ao gênero.

**Desenvolvimento da atividade:** Dividir os participantes em grupos. Pedir que cada grupo dramatize uma situação escolar de desigualdade de gênero. Pontuar com os participantes, as questões de desigualdade presentes na dramatização.

**2º Momento: Reflexão sobre os paradigmas coeducativo e tradicional.**

**Duração:** 25 minutos

**Objetivo:** Debater sobre as práticas de desigualdades dramatizadas.

**Desenvolvimento da atividade:** Debater com os participantes a releitura das dramatizações sob o viés coeducativo. Em grupo, escrever em filipetas ações que visem transformar práticas educativas tradicionais em práticas coeducativas.

**3º Momento: Fechamento**

**Duração:** 10 minutos

**Objetivo e desenvolvimento da atividade:** Encerrar os encontros com a exposição das filipetas e breve avaliação dos participantes da diretriz coeducativa proposta. Agradecimento pela participação de todos e envolvimento na proposta de coeducação.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Gênero e diversidade na escola**: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais. Livro de conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

**ERA** Uma Vez Outra Maria - Parte 1 (Filme). Produção Jah Comunicações. Direção Reginaldo Bianco. Produtores: Instituto Promundo; Ecos Comunicação em Sexualidade; Instituto Papai; Salud y Género, 2001. 10 min. Mudo. Color.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. Co-educação ou classes mistas? Índícios para a historiografia escolar (São Paulo – 1870-1930). **Revista brasileira de estudos pedagógicos** [Online]. v. 86, n. 1, p. 64-78, dez., 2005. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/view/59/61>. Acesso em: 13 set. 2017.

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relação de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006.

BORGES, Divimary. **Relações de gênero na infância: uma experiência na escola democrática**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Acesso em: 13 set. 2017.

BRITO, Rosemeire dos Santos. **Masculinidades, raça e fracasso escolar: narrativas de jovens na educação de jovens e adultos em uma escola pública municipal de São Paulo**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Acesso em: 12 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Significados de gênero do fracasso escolar: quando os modelos polares de sexo não são suficientes**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Avaliação Escolar, Gênero e Raça**. Campinas, SP: Papyrus, 2009.

\_\_\_\_\_. Teses e dissertações sobre gênero e desempenho escolar no Brasil (1993 - 2007): um estado da arte. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1, p. 147-162, Abr., 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072012000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072012000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 jun. 2017.

CARVALHO, M. O. **Práticas pedagógicas do cotidiano escolar no ensino fundamental: relações entre multiculturalidade e as questões de gênero**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2005.

DAL' IGNA, Maria. Claudia. **Há diferença? Relações entre desempenho escolar e gênero**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

\_\_\_\_\_. Meninos e performances das meninas na escola: há alguma diferença? **Educ. rev.** [online]. 2007, n.46, pp.241-267. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982007000200010>>. Acesso em: 12 out. 2016.

\_\_\_\_\_. Desempenho escolar de meninos e meninas: há diferença? **Educação em Re-vista**. Belo Horizonte, n. 46, p. 241-267, dez., 2007.

FARAH, Marta Ferreira Santos. Gênero e políticas públicas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 47, jan., 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100004>>. Acesso em: 06 nov. 2016.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes et al. Avaliação e interdisciplinaridade. Interdisciplinaridade. **Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade**. p. 23-37, 2010.

FERREIRA Farah M. Revista Estudos Feministas, 1.ed. **Rev. Estud. Fem.** v. 12, n. 1. Florianópolis, Jan-Apr., 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000100004>>. Acesso em: 13 set. 2017.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas "estado da arte". **Educ. Soc.** [online]. 2002, v. 23, n. 79, p. 257-272.

GENTILE, Paola. Antonio Novoa: professor se forma na escola. 2011. Disponível em: < <https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>>. Acesso em 25 de nov. 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação mediadora**: uma relação dialógica na construção do conhecimento. Avaliação do rendimento escolar. São Paulo: FDE, p. 51-9, 1994.

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação**: uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba: Intersaberes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. São Paulo: Vozes, 1997.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 2003.

NASCIMENTO, Ana Paula Rodrigues do. **Da 'queixa' ao fracasso escolar**: um estudo sobre a predominância do encaminhamento de meninos aos serviços de psicologia. 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

NÓVOA, Antonio. **O professor pesquisador e reflexivo**. 2011. Disponível em: [http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lpt/A\\_a\\_H/didatica\\_l/aula\\_04/imagens/03/professor\\_pesquisador\\_reflexivo.pdf](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lpt/A_a_H/didatica_l/aula_04/imagens/03/professor_pesquisador_reflexivo.pdf). Acesso em 25 de nov. 2017.

OLIVEIRA, Tory. **Meninos para cá, meninas para lá** 2011. Disponível em: <<https://www.carta-capital.com.br/educacao/carta-fundamental-arquivo/meninos-para-ca-meninas-para-la>>. Acesso em: 13 set. 2017.

PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Configurações do ofício de aluno: meninos e meninas na escola**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/T.48.2015.tde-01072015-104422. Acesso em: 13 set. 2017.

\_\_\_\_\_. **Encaminhamentos a recuperação paralela: um olhar de gênero**. 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. doi:10.11606/D.48.2008.tde-08102008-143805. Acesso em: 13 set. 2017.

RODRIGUES, Cíntia Aparecida Garcia; MAZZOTTI, Tarso Bonilha. Representação social de gênero no fracasso escolar de meninos. **Revista de Educação Pública**, [S.l.], v. 22, n. 48, p. 45-59, jun. 2013. Disponível em: <<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/847>>. Acesso em: 13 set. 2017.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul-dez. 1995.

SENKEVICS, Adriano Souza. **Gênero, família e escola: socialização familiar e escolarização de meninas e meninos de camadas populares de São Paulo**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.48.2015.tde-12052015-143030. Acesso em: 13 set. 2017.

SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Gênero e sexualidade: questões para a educação escolar? **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v.23, n.2, p. 310-323, jul-dez, 2016.



## APÊNDICES

A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)							
AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Abigail Brigid Barrack	Como as meninas adolescentes experimentam problemas de saúde mental, enquanto na escola secundária? Um estudo narrativo usando artes criativas.	Nada consta	Nada consta	Escola de Educação (Universidade de Sheffield), Reino Unido	T	2017	Foi sugerido recentemente que até um em cada cinco adolescentes tem um problema de saúde mental que persistirá até a idade adulta, com a ansiedade mais comum (Lee, Heimer, Giedd, Lein, Sestan, Weinberger, Casey, 2014). Os jovens que sofrem problemas de saúde mental com problemas enfrentam uma série de riscos como o suicídio, doenças crônicas, falência escolar e dificuldades de relacionamento (Thompson, Hooper, Laver-Bradbury, Gale, 2012). A pesquisa estima que até setenta e cinco por cento de todas as doenças mentais já se desenvolvera até a idade de dezoito anos (Murphy e Fonagy, 2012), mas apenas uma parte desses indivíduos realmente procura ajuda durante a fase da adolescência, reduzindo a oportunidade de intervenção precoce. Pesquisa recente tem como objetivo explorar o que pode estar impedindo a busca de ajuda em tempos difíceis (por exemplo, Kendal, Callery, Keeley, 2011a). Estudos têm mostrado que as mulheres parecem ser particularmente em risco de desenvolver problemas de saúde mental, com taxas de ansiedade e depressão entre adolescentes tendo subido nos últimos anos, mantendo-se relativamente estável para adolescentes meninos (DfE, 2016). Neste estudo qualitativo, empreguei métodos visuais para fornecer três participantes femininos de 15 anos com a oportunidade de explorar de forma criativa suas viagens de terem um problema de saúde mental. Depois de criar colagens, cronogramas e "storyboards" para mapear períodos e eventos significativos, usei uma abordagem narrativa para realizar entrevistas individuais semiestruturadas para refletir sobre seus conselhos e falar sobre suas experiências. Essas entrevistas foram então analisadas para procurar temas individuais e comuns. Eu estava particularmente interessado em barreiras ou fatores de apoio para buscar e receber ajuda. Esperava-se que as informações deste estudo pudessem induzir a voz dos jovens a aumentar a compreensão profissional de como as adolescentes experimentam ter um problema de saúde mental e, finalmente, o que pode ou não ajudar.

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Abigail Brigid Barrack	Como as meninas adolescentes experimentam problemas de saúde mental, enquanto na escola secundária? : um estudo narrativo usando artes criativas	Nada consta	Nada consta	Universidade de Sheffield, Reino Unido	T	2017	Recentemente, sugeriu-se que até um em cada cinco adolescentes tenha um problema de saúde mental que persista na idade adulta, com a ansiedade mais comum (Lee, Heimer, Giedd, Lein, Sestan, Weinberger, Casey, 2014). Os jovens que sofrem problemas de saúde mental com problemas enfrentam uma série de riscos como o suicídio, doenças crônicas, falência escolar e dificuldades de relacionamento (Thompson, Hooper, Laver-Bradbury, Gale, 2012). A pesquisa estima que até setenta e cinco por cento de todas as doenças mentais já se desenvolveram até a idade de dezoito anos (Murphy e Fonagy, 2012), mas apenas uma parte desses indivíduos realmente procura ajuda durante a fase da adolescência, reduzindo a oportunidade de intervenção precoce .Pesquisa recente tem como objetivo explorar o que pode estar impedindo a busca de ajuda em tempos difíceis (por exemplo, Kendal, Callery, Keeley, 2011a). Estudos têm demonstrado que as mulheres parecem estar particularmente em risco de desenvolver problemas de saúde mental com taxas de ansiedade e depressão entre as adolescentes que aumentaram nos últimos anos, mantendo-se relativamente estáveis para meninos adolescentes (DfE, 2016). Neste estudo qualitativo, empreguei métodos visuais para fornecer três participantes femininos de 15 anos com a oportunidade de explorar de forma criativa suas viagens de terem um problema de saúde mental. Depois de criar colagens, cronogramas e storyboards para mapear períodos e eventos significativos, usei uma abordagem narrativa para realizar entrevistas individuais semi-estruturadas para refletir sobre seus conselhos e falar sobre suas experiências. Essas entrevistas foram então analisadas para procurar temas individuais e comuns. Eu estava particularmente interessado em barreiras ou fatores de apoio para buscar e receber ajuda. Esperava-se que a informação deste estudo pudesse induzir a voz dos jovens a aumentar a compreensão profissional de como as adolescentes experimentam ter um problema de saúde mental e, finalmente, o que pode ou não ajudar, tanto na prevenção como na resposta direta a dificuldades.

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Célia Corchuèllo Fernández	Respostas educativas dos professores na Escola de Segunda Chance: estudo de caso	Ensino Fundamental II; Professores; Boas práticas de Ensino; Exclusão social;	Juan Carlos González Faraco; Juan Ramón A Jiménez	Universidade de Huelva / Barcelona	T	2016	Com pesquisa de doutorado Respostas educativas de professores na Escola de Segunda chance. Estudo de casos. Tentamos conhecer as respostas educacionais implantadas pelos professores nas Escolas da Segunda Chance através de um estudo de caso focado em um centro de educação de Huelva, mas cujas conclusões podem ser aplicáveis também nas escolas com características semelhantes. Para conseguir isso, resumimos um modelo de atenção educacional que é usado com alunos caracterizados por uma trajetória de “falha escolar” e risco de exclusão social. Em nosso estudo, cumprimos e definimos boas práticas de ensino enfatizando aqueles que neste centro de educação particular estão obtendo alguns resultados positivos e estão atraindo de novo para os “meninos” do sistema educacional e as meninas que a deixaram ou pelo menos estavam percebendo com grandes doses de ceticismo, conseguindo que não renunciassem, que lhes deem uma segunda oportunidade e que encontrem uma motivação que lhes ofereça novos horizontes e pessoal e educacional expectativas. Tentamos empregar as técnicas adequadas para a descrição objetiva, sistemática e quantitativa dos dados implícitos fornecidos pelos professores, procurando a maneira mais direta de saber o que eles fazem e como eles fazem para reincorporar, motivar e ensinar esses alunos. Assim, graças ao trabalho de campo deste estudo e do chapéu de reboque que as principais pessoas envolvidas nos contaram, conseguimos aprofundar a realidade do “fracasso” acadêmico no ensino secundário e em contextos de exclusão social, e veja de primeira mão quais problemas são mais comumente encontrados e a maneira de enfrentá-los.

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Thokozani Auctavia Ngidi	Geografias de alunos com desempenho inferior na fase intermediária: um inquérito narrativo.	Escolas de baixa performance - África do Sul - KwaZulu-Natal; Falha na escola - África do Sul - KwaZulu-Natal; Escolas públicas - superlotação - África do Sul - KwaZulu-Natal; Educação.	Pholoho Justice Morojele (conselheiro)	Universidade de KwaZulu-Natal – África do Sul	D	2016	Este é um estudo qualitativo que se propôs a investigar as experiências dos alunos da série seis que foram considerados como um desempenho acadêmico na Escola Primária de Isizwesokuthula, uma escola primária semi-urbana combinada no distrito de Pinetown, no norte de Durban, em KwaZulu-Natal, África do Sul. Usando as geografias das crianças Holloway (2014) e a nova Sociologia da Infância Estudos Wyness (2013) como seus quadros teóricos orientadores, o estudo explorou os lugares e espaços que esses alunos ocupam neste contexto escolar. Também explorou os fatores que afetam as experiências escolares desses aprendentes e como os alunos se envolvem ativamente com essas dinâmicas. O objetivo do estudo foi compreender os fatores que influenciam a vida social e acadêmica desses aprendentes, bem como o que podemos aprender com essas experiências, a fim de melhorar suas experiências sociais e educacionais. O estudo adotou um projeto de pesquisa interpretativa qualitativa, dentro da tradição de uma pesquisa narrativa como meio de geração de dados. Utilizou amostragens intencionais para selecionar seis (três garotas e três rapazes) alunos do ensino médio de seis anos com idades compreendidas entre 11 e 14 anos que, de acordo com os registros escolares, foram considerados como de baixa performance acadêmica. A foto-voz e os desenhos foram utilizados como técnicas participativas com o objetivo de colocar as vozes e agências autênticas dos participantes durante a coleta de dados. Os aprendentes participantes tiraram fotos e desenhos que capturaram espaços salientes e locais de suas experiências escolares relacionados aos objetivos do estudo. Estes (fotos e desenhos) foram utilizados para estimular discussões que ajudaram a elucidar as narrativas dos alunos durante as entrevistas individuais e de grupos focais. O estudo adotou análises temáticas e de conteúdo como métodos de análise de dados. Os resultados revelaram que o aprendiz com desempenho inferior não estava apenas ciente de sua rotulagem, mas também eles estavam conscientes dos baixos espaços sociais que são categorizados como de desempenho inferior ocupados na hierarquia das relações de poder na escola. Muitos dos estereótipos e mitos com os quais eles estavam associados diminuíram ainda mais a conquista e progresso

						<p>desses aprendentes e serviram de barreiras à sua aprendizagem, participação e desenvolvimento. Salas de aula, A interface home-escola e as interações entre pares baseadas na escola foram os principais espaços e lugares que formaram a intensidade das experiências de escolaridade dos alunos com desempenho inferior. Cada um desses espaços e lugares apresentou suas próprias dinâmicas e desafios que afetaram diretamente esses aprendentes. O estudo também revelou uma série de estratégias criativas e formas pelas quais esses alunos adotaram para navegar e transcender sua baixa posição social e acadêmica na escola. Embora essas estratégias de navegação criativas indicassem a agência e a autodeterminação por parte desses aprendentes, essas estratégias só ajudaram a sobrevivência nas interações sociais e baseadas em pares. Sem o apoio coordenado das principais partes interessadas na escola, o estudo descobriu que esses alunos estavam em alto risco de serem excluídos academicamente da escola. Não só devido ao seu baixo desempenho acadêmico, mas também como resultado de algum comportamento anti-social que esses aprendentes adotaram como mecanismos de enfrentamento em resposta às suas experiências de escolaridade desfavoráveis. As descobertas deste estudo podem ser úteis para todos os principais interessados, incluindo o Departamento de Educação, no seu esforço para atender às necessidades dos alunos e, assim, facilitar ambientes de aprendizagem e ensino sensíveis ao social e sensíveis. Os alunos considerados como de baixo desempenho devem ser expostos a atividades educacionais que ajudariam a instilar a assertividade e a independência para eles, de modo que eles também fariam amigos com facilidade, mas principalmente para melhorar a realização acadêmica da escola primária.</p>
--	--	--	--	--	--	--

## A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Diana Alexandra da Silva Oliveira	Autoconceito, Autoestima e Rendimento Académico em Alunos do 11º ano de Escolaridade nos Cursos de Ciências e Tecnologias e Cursos Profissionais	Autoestima; Autoconceito; Rendimento académico;	Suzana Marinho	Universidade Fernando Pessoa - Portugal	D	2015	<p>O insucesso escolar ainda afeta muitos jovens em Portugal. A autoestima e o autoconceito têm suscitado um forte interesse para a Psicologia da Educação e sempre aliados aos resultados escolares dos alunos, pois são variáveis que podem influenciar esses mesmos resultados. A escolaridade obrigatória trata-se de outro ponto fulcral na motivação para o sucesso académico dos alunos estando esta associada às três variáveis mencionadas no presente estudo. A presente investigação teve como principais objetivos verificar a relação entre o autoconceito, a autoestima e o rendimento escolar em alunos do 11º ano de escolaridade, nos cursos de ciências e tecnologias e nos cursos profissionais de uma instituição privada. Pretendeu-se ainda, analisar a existência de diferenças nas variáveis autoestima, autoconceito e rendimento académico, entre alunos dos dois cursos e entre rapazes e raparigas. A amostra foi constituída por 147 alunos do 11º ano de escolaridade de uma instituição de ensino privado, no concelho de Santa Maria da Feira, em que 98 são alunos do curso de ciências e tecnologias e 49 são alunos dos cursos profissionais, com idades compreendidas entre os 16 e os 20 anos de idade (M= 16.3 anos; DP= .619),77 (52.4%) do sexo masculino e 70 (47.6%) do sexo feminino. Foi administrado um questionário sociodemográfico e aplicada a Escala de Autoconceito e Autoestima (Peixoto &amp; Almeida, 1999). Os resultados obtidos neste estudo vão parcialmente de encontro ao que é referido na literatura sobre este tema. Verificou-se uma maior associação de variáveis na percepção da competência escolar e da competência a matemática com o rendimento académico, não tendo sido encontrada uma relação estatisticamente significativa entre este e a autoestima; alunos do curso de ciências e tecnologias apresentam rendimento académico ligeiramente superior aos dos cursos profissionais; as raparigas apresentam autoconceito global e rendimento académico superior aos rapazes, e estes, valores de autoestima superiores em relação ao sexo feminino.</p>

## A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Manimagalay Maduray	Meninos que faltam: fraca conquista e construção de masculinidade de seis meninos indianos em uma escola secundária em Chatsworth, Durban.	Falha escolar; Masculinidade de - KwaZulu-Natal; Indianos - Educação - KwaZulu-Natal; Adolescentes - Educação - KwaZulu-Natal; Educação.	Deevia Bhana (conselheiro)	Universidade de KwaZulu-Natal – África do Sul	D	2004	Este projeto de pesquisa investiga as maneiras pelas quais seis meninos indianos que foram oficialmente proclamados fracassos no grau 11 constroem sua masculinidade na Meadowlands Secondary School, uma escola secundária técnica predominantemente indiana em uma área de classe trabalhadora de Chatsworth. A maneira como os meninos indianos que falham constroem sua masculinidade não está sendo pesquisada na África do Sul. Quando os meninos são oficialmente declarados falhas acadêmicas pela escola, muitas vezes eles tomam outras maneiras de validar suas identidades masculinas. Este estudo centrou-se na relação complexa entre o fracasso escolar e a formação de suas masculinidades. Com base em entrevistas semi-estruturadas em profundidade com seis meninos que falharam no 11º ano em 2003 e atualmente estão a repetir o grau 11 em 2004, o estudo mostra a relação complexa entre falha escolar, e a formação de masculinidades masculinas em três áreas. Essas áreas são a dimensão acadêmica formal da escolaridade, a dimensão social informal da escolaridade e fora das atividades escolares. Os principais acontecimentos das entrevistas indicam que os meninos constroem sua masculinidade, resistidas às exigências que lhes são colocadas nas escolas e envolvem atividades disruptivas. Eles encontram poder alternativo e prestígio no uso de roupas de marca, uso de jóias, transporte de celulares, namorada, clubbing, droga e junção de gangues. Eles acham a escola aborrecida e equivalem ao desempenho acadêmico com ser feminino e, portanto, serem homossexuais e resistir a fazer o trabalho escolar. Eles são capazes de construir suas masculinidades de maneira anti-escolar e anti-autoridade. O estudo conclui sugerindo que os meninos que faltam no MSS estão em dificuldade e que as escolas e os professores devem estar mais atentos ao porquê os garotos que faltam se comportam da maneira que eles fazem. No MSS, sugere-se que a escola encoraje o desenvolvimento do esporte como forma de expor os meninos a diferentes maneiras de ser um menino.
					Educação		

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Harvey S. III, Hicks	Um Estudo de Fatores que Influenciam o Sucesso Acadêmico dos Machos da Escola Secundária Black American	Educação	John Seyfarth	Universidade Virginia Commonwealth	D	2001	O macho negro americano teve que enfrentar e suportar muitas dificuldades físicas, emocionais e psicológicas desde que seus antepassados chegaram a este país como escravos. Uma dessas dificuldades tem sido seu status constante como cidadão de segunda classe. Ao longo de sua história na América, o homem negro recebeu uma remuneração desigual, uma justiça desigual, cuidados médicos desiguais, tratamento desigual e educação desigual. No entanto, apesar das circunstâncias e das probabilidades, houve machos negros que conseguiram em muitos campos. No entanto, mesmo hoje, no campo da educação, alcançar academicamente não é um esforço que a maioria dos machos negros persegue. Este estudo investigou alguns fatores que podem influenciar alguns machos negros a alcançar academicamente. Foi modelado após um estudo realizado em 1993 pelos Drs. James McMillan e Daisy Reed, professores da Virginia Commonwealth University. O tópico do estudo McMillan & Reed foi a resiliência, que é um grupo de certas características individuais que ajudam as pessoas a superar em risco (de falência escolar) circunstâncias. Esse estudo e este foram conduzidos como pesquisa qualitativa. Para este estudo, 11 meninos negros de idade e grau de ensino médio foram entrevistados para verificar como eles geralmente funcionavam como estudantes na escola e como indivíduos. Além disso, foram questionados sobre suas famílias e amigos. Vários educadores profissionais também foram entrevistados para obter suas percepções sobre o desempenho acadêmico dos adolescentes negros. Os dois conjuntos de dados, bem como as fitas e notas do entrevistador foram codificados, comparados e analisados. Os resultados foram interessantes em que este grupo particular de meninos possuía alguns traços resilientes, todos gostavam de escola, e eles sentiram que a escolaridade era importante para o futuro deles. Esses meninos eram estudantes que haviam se apresentado bem na escola primária, mas não se distinguiram atualmente academicamente. Os educadores mostraram conhecimentos valiosos ao reconhecer o que ajuda os machos negros a alcançar na escola. Suas experiências em trabalhar com alunos em risco alinharam seus pensamentos com os muitos pesquisadores que



							<p>investigaram esse problema. Este estudo revelou que os meninos que participaram coletivamente possuíam vários traços resilientes que pesquisas anteriores demonstraram estar relacionadas ao sucesso nas escolas. Além disso, este estudo destacou que a posse desses traços por esses meninos não era necessariamente um preditor de realização acadêmica nem era viver em circunstâncias de risco necessariamente um preditor de falência acadêmica. Os meninos neste estudo gozavam de escola, ocasionalmente fazendo boas notas em certos assuntos, e coletivamente tinham uma boa frequência diária. Além disso, essa amostra compreendeu os comportamentos e influências negativas que impediram que outros meninos fossem bem sucedidos academicamente, mas não aplicassem esse entendimento a si mesmos.</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Vusumuzi Mahlobo	Os efeitos da violência na realização acadêmica: um estudo de caso da escola secundária de Amandlethu.	Violência escolar - Durban; Escola secundária de Amandlethu ; Conhecimento acadêmico - Durban; Falha escolar - Durban; Educação.	Robert Graham Morrell (conselheiro)	Universidad e de KwaZulu-Natal – África do Sul	D	2000	Este estudo examina o papel desempenhado pela violência em baixa realização acadêmica. A violência perpetrada pelas partes interessadas, ou seja, professores, alunos, comunidade, é o foco principal deste estudo. Os resultados matriciais da escola, nos últimos seis anos, são analisados. A observação revela um declínio constante nas passagens matriciais. Observações, questionários e entrevistas foram as ferramentas de pesquisa utilizadas neste estudo. Os alunos experimentam muita violência na escola, perpetrados por professores e colegas de trabalho. Do lado de fora da escola, a maior parte da violência é perpetrada por gangues. Os meninos são mais frequentemente vítimas de violência. As meninas experimentam a maior parte da violência no lar. Os alunos acreditam que a violência não afeta seu trabalho acadêmico. Essa descoberta inesperada pode ser explicada ao se referir a violência generalizada na área e a violência sendo comum no passado recente. Os entrevistados sofreram tanto violência que, para eles, tornou-se uma norma. É por isso que eles não atribuem seu desempenho acadêmico fraco à violência. Alguns dos entrevistados foram expostos a uma violência horrível na maioria dos casos, culminando em mutilações e perda de vidas. Ato de violência, como bofetadas, assédio sexual e ameaças, não são considerados violência. Os níveis de violência escolar estão aumentando, e os resultados acadêmicos estão em declínio. Este projeto de pesquisa sugere que pode haver uma relação entre essas duas tendências. É por isso que eles não atribuem seu desempenho acadêmico fraco à violência. Alguns dos entrevistados foram expostos a uma violência horrível na maioria dos casos, culminando em mutilações e perda de vidas. Ato de violência, como bofetadas, assédio sexual e ameaças, não são considerados violência. Os níveis de violência escolar estão aumentando, e os resultados acadêmicos estão em declínio. Este projeto de pesquisa sugere que pode haver uma relação entre essas duas tendências. É por isso que eles não atribuem seu desempenho acadêmico fraco à violência. Alguns dos entrevistados foram expostos a uma violência horrível na maioria dos casos, culminando em mutilações e perda de vidas. Ato de violência, como bofetadas, assédio sexual e ameaças, não

							são considerados violência. Os níveis de violência escolar estão aumentando, e os resultados acadêmicos estão em declínio. Este projeto de pesquisa sugere que pode haver uma relação entre essas duas tendências.
Lorna Jean Robert	Um estudo epidemiológico do transtorno do comportamento na população estudantil do Conselho Tribal de Saskatoon	Nada consta	Vicki Schwean (conselheiro)	Universidad e de Saskatchewan, Canadá	D	1995	A falha escolar pode ser o resultado de uma programação inadequada provocada pela falta de reconhecimento das necessidades específicas de cada aluno. Os membros do Conselho Tribal de Saskatoon estavam preocupados com o número de estudantes em sua jurisdição que não completaram com sucesso um ensino médio. Um grande estudo foi encomendado para verificar o número de alunos com excepcionalidades para que o Conselho Tribal pudesse defender o financiamento e a programação adequados para garantir o sucesso de mais estudantes. Como parte do estudo maior de excepcionalidade, esta pesquisa estuda o número e a natureza do Transtorno do Comportamento na população estudantil do Conselho Tribal de Saskatoon. Um estudo de duas fases foi projetado usando o Perfil de Avaliação do Comportamento-2 (classificação do professor) como uma tela inicial. Os alunos que preencheram critérios de corte no dispositivo de triagem receberam o Sistema de Avaliação do Comportamento para Crianças. A classificação do professor, o auto-relatório do aluno e as escalas de avaliação dos pais foram usadas para coletar dados comportamentais. Os resultados mostraram que 86 alunos preencheram critérios clínicos de corte em uma ou mais escalas do Sistema de Avaliação do Comportamento para Crianças. Esse número quando extrapolado para a população total representa 27%. Os professores identificaram mais meninos do que meninas em todas as escalas, com exceção das escalas de liderança e habilidades de estudo. Em contraste com as classificações dos professores, um número maior de meninas foi identificado no Self-report do Estudante de Personalidade em todas as escalas com exceção da Atitude to Teachers e das subescalas de Relações com Pais. Os números mais altos, independentemente do sexo ou da idade, foram identificados como sofrendo de comportamentos externalizantes pelos professores. Os alunos identificaram a maioria dos números nessas escalas que medem os comportamentos de internalização, o desenvolvimento da auto-identidade e a auto-suficiência. A idade não parece ser um fator significativo na identificação de problemas comportamentais, sendo estudantes de todas as faixas etárias identificadas na maioria das escalas; No entanto, o maior número de problemas foi experimentado pela faixa etária de 10 a 14 anos.
					Educação		

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Lorna Jean Robert	Um estudo epidemiológico do transtorno do comportamento na população estudantil do Conselho Tribal de Saskatoon	Nada consta	Vicki Schwean (conselheiro)	Universidade de Saskatchewan, Canadá	D Educação	1995	A falha escolar pode ser o resultado de uma programação inadequada provocada pela falta de reconhecimento das necessidades específicas de cada aluno. Os membros do Conselho Tribal de Saskatoon estavam preocupados com o número de estudantes em sua jurisdição que não completaram com sucesso um ensino médio. Um grande estudo foi encomendado para verificar o número de alunos com excepcionais para que o Conselho Tribal pudesse defender o financiamento e a programação adequados para garantir o sucesso de mais estudantes. Como parte do estudo maior de excepcionalidade, esta pesquisa estuda o número e a natureza do Transtorno do Comportamento na população estudantil do Conselho Tribal de Saskatoon. Um estudo de duas fases foi projetado usando o Perfil de Avaliação do Comportamento-2 (classificação do professor) como uma tela inicial. Os alunos que preencheram critérios de corte no dispositivo de triagem receberam o Sistema de Avaliação do Comportamento para Crianças. A classificação do professor, o auto-relatório do aluno e as escalas de avaliação dos pais foram usadas para coletar dados comportamentais. Os resultados mostraram que 86 alunos preencheram critérios clínicos de corte em uma ou mais escalas do Sistema de Avaliação do Comportamento para Crianças. Esse número quando extrapolado para a população total representa 27%. Os professores identificaram mais meninos do que meninas em todas as escalas, com exceção das escalas de liderança e habilidades de estudo. Em contraste com as classificações dos professores, um número maior de meninas foi identificado no Self-report do Estudante de Personalidade em todas as escalas com exceção da Attitude to Teachers e das subescalas de Relações com Pais. Os números mais altos, independentemente do sexo ou da idade, foram identificados como sofrendo de comportamentos externalizantes pelos professores. Os alunos identificaram a maioria dos números nessas escalas que medem os comportamentos de internalização, o desenvolvimento da auto-identidade e a auto-suficiência. A idade não parece ser um fator significativo na identificação de problemas comportamentais, sendo estudantes de todas as faixas etárias identificadas na maioria das escalas; No entanto, o maior número de problemas foi experimentado pela faixa etária de 10 a 14 anos.

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Lydia Bernadett e Bergant	Relacionamentos entre as classificações dos professores e o sistema de diagnóstico de Gordon na identificação precoce de crianças do jardim de infância academicamente em risco	Dificuldades de aprendizagem ; Problemas de aprendizagem - British Columbia	Nada consta	Universidade da Colúmbia Britânica, Vancouver, Canadá	D	1990	Este estudo exploratório investigou as semelhanças e diferenças entre duas medidas de avaliação - as classificações dos professores do Perfil de Aprendizagem Escolar do Jardim de Infância e o Sistema de Diagnóstico Gordon - na identificação de crianças que provavelmente estariam em risco de sofrer falhas na escola como resultado de déficits de atenção / controle de impulso exibidos no Jardim de infância. À medida que se acredita que as habilidades de atenção influenciam a memória, a memória visual também foi investigada em relação à atenção e ao controle de impulsos. Vinte e oito estudantes de jardim de infância "de alto risco" indicados pelo professor foram identificados como funcionando dentro dos 10% mais baixos para a prontidão geral da escola. Foram utilizados procedimentos de seleção aleatória sistemática computadorizada para identificar 30 estudantes de controle. As classificações dos professores das habilidades de controle de atenção e impulso manifestadas dentro e fora da sala de aula foram obtidas para todas as crianças e comparadas com suas atuações de controle vigilante e de impulso no Sistema de Diagnóstico Gordon (GDS). As habilidades de memória visual foram examinadas através do uso do subtítulo Bead Memory da Stanford-Binet Intelligence Scale: Fourth Edition. Os resultados obtidos revelam que normalmente os alunos receberam classificações qualitativas mais altas de atenção e controle de impulsos por seus professores do que os estudantes de "alto risco". As relações significativas entre a impulsividade (medida pelo GDS) e as classificações dos professores não foram fundamentadas pelos dados obtidos. Somente o grupo de "alto risco" apresentou poucas correlações significativas entre professores classificações de habilidades de atenção e performances vigilantes dos alunos no GDS. Normalmente, verificou-se que os alunos mostraram habilidades de controle de vigilância e impulso significativamente melhores no GDS em comparação com o grupo de "alto risco" que mal conseguiu. A deterioração significativa do desempenho ao longo do tempo foi evidente na tarefa Vigilance, mas não na Tarefa de atraso do GDS. Poucas diferenças significativas entre meninos e meninas em controle de impulsos e habilidades de atenção sustentada foram exibidas.

## A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Patricia Margaret Sutherland	Treinamento estratégico e técnicas corretivas: abordagem de processamento de informações	Nada consta	Nada consta	Universidade da Colúmbia Britânica, Vancouver, Canadá	D	1984	Atualmente, um número substancial de crianças que são rotuladas de "deficientes de aprendizado", carecem de motivação e autoconfiança como resultado do fracasso escolar (Das, 1979). Frequentemente, a massa de métodos, materiais e programas que estão disponíveis para o educador, não cumprem as expectativas dos envolvidos. O tema central do presente estudo é que o treinamento na área de estratégias cognitivas tem o potencial de superar alguns dos problemas que essas crianças têm. Ao invés de se concentrar em habilidades de ensino ou revisão de conteúdo, como já foi feito no passado, o treinamento de estratégias cognitivas se concentra em aprender e aprender a processar informações. O objetivo do presente estudo foi investigar o treinamento estratégico e as técnicas corretivas e o desempenho acadêmico dentro de uma framework de processamento de informações para um grupo de crianças com deficiência de aprendizagem. Foi escolhido para o estudo um paradigma teórico simultâneo-sucessivo baseado no achado de pesquisa de Jarman e seus associados. Os programas de pesquisa utilizados podem melhorar estratégias de aprendizagem (Krywaniuk, 1974). Os sujeitos envolvidos no programa de treinamento de estratégia foram os 7 meninos e 4 meninas em uma aula especial para aprender alunos com deficiência localizados em uma escola primária central do distrito escolar de BC. Os alunos foram divididos aleatoriamente em dois grupos iguais: um grupo recebeu instrução de leitura adicional, um segundo grupo participou do programa de recuperação, com o objetivo de melhorar as estratégias de aprendizado. Os sujeitos envolvidos no programa de treinamento estratégico realizaram uma série de tarefas por 20 a 30 minutos, uma vez por dia diariamente, durante as 21 semanas do estudo. Os estudantes restantes receberam instruções de leitura adicionais do programa de leitura regular pela mesma quantidade de tempo por dia. O projeto de pesquisa foi um projeto de séries temporais, composto por quatro fases. A primeira fase envolveu a coleta de dados de linha de base, durante a segunda fase o programa de tratamento foi introduzido, para a terceira fase, o programa de tratamento foi retirado e, durante a fase final, o programa de tratamento foi novamente reintegrado. Desta forma, os efeitos do programa de tratamento foram
					Psicologia e Educação Especial		

						<p>comparados duas vezes com um período sem tratamento. Os dados foram coletados uma vez por semana em cada experiência de análise de palavras de alunos durante o estudo. Os dados coletados para cada aluno individual foram representados para inspeção visual e análise estatística realizada nos resultados. Diferenças aparentes foram encontradas entre o grupo que recebeu a instrução de leitura adicional eo grupo que recebeu o programa de tratamento. Para o grupo que recebeu o programa de tratamento houve um patamar entre as fases de tratamento e uma maior melhora geral nas habilidades de análise de palavras desde a fase inicial de base até a fase final de tratamento.Os resultados foram discutidos em termos das seguintes limitações e do modelo simultâneo sucessivo de processamento de informações. Os resultados foram sujeitos a uma certa limitação na medida em que não havia latitude para seleção de assuntos. Alguns dos assuntos não representam crianças com deficiência escolar verdadeira, porque seu desempenho foi influenciado por outros fatores.</p>
--	--	--	--	--	--	--

**A - Classificação das Produções Científicas internacionais selecionadas na plataforma de Teses e Dissertações de Acesso Aberto (OATD)**

AUTOR	TITULO	Palavras-chave	Orientador	Instituição / Periódico	T / D / A**	ANO	RESUMO
					Área de Ensino		
Chinnape n Amatchi Naguran	Um estudo de falha na escola com referência especial ao ensino médio indiano em Natal.	Falha na escola - KwaZulu-Natal; Educação; Indianos - Educação - Natal.	A. Leslie Behr (conselheiro)	Universidade de KwaZulu-Natal – África do Sul	D	1978	Este é um estudo sobre a incidência do fracasso no ensino secundário indiano em Natal, no qual o desempenho acadêmico foi considerado no contexto de várias variáveis, como fatores socioeconômicos, tamanho da família, ordem de nascimento, QI, saúde, absenteísmo, estudo e hábitos de leitura, nível dos pais da educação ocidental, renda familiar, participação em atividades extracurriculares e certos comportamentos e traços de personalidade. Uma amostra aleatória de 1 787 alunos (1 092 meninos e 695 meninas) que escreveu o exame do Curso Acadêmico Padrão VII em 1974 foi selecionada de 16 escolas secundárias indianas em Natal. Os dados foram obtidos através da administração de um conjunto de questionários aos alunos e aos formadores. O processamento de dados foi feito pelo serviço de informática ICL. As técnicas estatísticas do qui-quadrado foram usadas para testar a significância. Os achados sugerem que: (i) existem relações significativas entre o desempenho acadêmico e as seguintes variáveis: nível dos pais da educação ocidental, religião, nascimento (especialmente entre os primogênitos) QI e absenteísmo; (ii) certas variáveis testadas influenciaram o desempenho acadêmico dos meninos de maneira diferente daquelas das meninas. Essas variáveis são renda familiar, desvantagens físicas, hábitos de leitura e participação em atividades extracurriculares. A tendência foi que essas variáveis influenciaram a performance dos meninos mais do que a performance das meninas. (iii) havia certas variáveis que não estavam significativamente relacionadas ao desempenho acadêmico. Estes foram: saúde dos alunos, uso da biblioteca para o empréstimo de livros, ocupação dos pais, com o próprio quarto, tamanho da família,
					Educação		